JDE 100
ANO XVII
JORNAL DE ESPIRITISMO
MAIO.JUNHO.2020 | DIRETOR . ULISSES LOPES | PREÇO € 1.00
JORNAL BIMESTRAL DA:
ASSOCIAÇÃO DE DIVULGADORES DE ESPIRITISMO DE PORTUGAL
RUA DO ESPÍRITO SANTO, 38, NOGUEIRA, 4710-144 BRAGA

O Espírito não tem sexo?

O novo coronavírus deu a volta à Terra e revelou a tendência de devolver ao Plano Espiritual mais pessoas do sexo masculino do que do feminino, segundo os dados colhidos até à redação deste artigo. É possível comparar esses resultados com outros universos da tradicional balança de género?
PAG 10

Abrir ou fechar a porta: eis a questão

foto arquivo

Na semana de dez de março, quando o número de pessoas infetadas com o vírus Covid-19 ultrapassou a centena em Portugal, apareceram informações várias de associações espíritas que suspendiam a partir dessa semana por prazo indeterminado as suas atividades públicas, como, por exemplo, as palestras de entrada livre. Não se pensava que em breve seria decretado por várias vezes o estado de emergência que iria impor isso inapelavelmente, como se compreende.
Alguns amigos, com responsabilidades associativas em alguns desses centros espíritas, viram-se entre uma decisão difícil, já que não queriam errar.
Com a Itália de quarentena, com fronteiras fechadas, a Índia a impedir já a entrada de estrangeiros nos seus aeroportos e os EUA a mandarem para trás os aviões originários do espaço Schengen (União Europeia), algumas associações espíritas suspenderam atividades, enquanto outros centros acharam que, enquanto o Governo não tomasse medidas mais restritivas, deveriam continuar a funcionar normalmente.
Os argumentos de quem optou por suspender temporariamente as atividades foram os de prevenção da saúde pública, na verdade uma responsabilidade também de todos os cidadãos. Sendo a frequência de uma associação espírita útil mas não vital para a população, prevenia-se assim em tempo adequado esta parcela de dispersão do contágio. Não é justo dizer que foi por medo, mas sim por prudência, a pensar na quota de responsabilidade que teriam em franquear contágio a quem provavelmente não teria conhecimentos ou até cuidado suficiente para se preservar.
Por outro lado, os que mantinham as portas abertas argumentavam: 1 - «Para quê tanto medo? Afinal não vamos todos desencarnar?». 2 - «A lei de causa e efeito é soberana». 3 - «O espírita, depois de avaliados os riscos, deve sentir suprema alegria em ser útil principalmente nos momentos em que todos fogem». 4 - «Andando nós toda a semana fora do centro – na rua, no trabalho, em casa, etc. – por que motivo seria no centro que viríamos a ser contaminados?».

A pergunta prévia que deve ser feita é se estamos a colocar o ónus em nós próprios ou nos outros. Se pensamos em termos de saúde pública, temos de nos pôr no lugar do próximo.

A pergunta prévia que deve ser feita é se estamos a colocar o ónus em nós próprios ou nos outros. Se pensamos em termos de saúde pública, temos de nos pôr no lugar do próximo.
Por isso, é claro que todos vamos desencarnar, mas não devemos jogar essa parcela de tempo no plano material como numa lotaria. Não é irrisória a vantagem de estarmos neste plano em múltiplas aprendizagens. Não vale abreviar, muito menos por incúria. Depois, nem tudo se esgota na lei de causa e efeito, quanto mais não seja porque «o amor cobre a multidão de pecados» (1 Pedro. 4:8). Além disso, decisões pouco amadurecidas trazem efeitos compatíveis.
A alegria de ser útil deve medir bem os efeitos próprios de uma conjuntura viral tão contagiosa como a que invadiu o planeta.
Precisamente por se andar toda a semana em muitos outros sítios, pode não fazer sentido somar mais um encontro social, sobretudo se for dispensável, uma vez que é de esperar isto: será que todas as pessoas que vão habitualmente às associações têm discernimento para decidir ir por indispensável necessidade ou por rotina?
A questão é complexa mas fica claro, a nosso ver, que quem decidiu fechar e quem decidiu manter aberto antes da declaração do estado de emergência, tendo em conta a realidade local semana a semana, não esteve necessariamente certo ou errado, valendo mais que tudo juntar a informação e os cuidados recomendados pela Organização Mundial de Saúde sobre o problema comum que enfrentamos.
Outros «vírus» serão mais difíceis de combater, como o da iliteracia. Cada um terá de fazer a sua parte. Entretanto, ficam os nossos votos de boa leitura!

Texto: Redação

Solução natural

foto pixabay

Reconhecendo que a interessada não encontrava libertação, por teimosia, os instrutores espirituais ligaram os dois em laços fluídicos mais profundos, até que ele renasceu dela mesma, por filho necessitado de carinho e compaixão

Os Espíritos benfeitores já não sabiam como atender à pobre senhora obsidiada.
Perseguidor e perseguida estavam mentalmente associados à maneira de polpa e casca no fruto.
Os amigos desencarnados tentaram afastar o obsessor, induzindo a jovem senhora a esquecê-lo, mas debalde.
Se tropeçava na rua, a moça pensava nele…
Se alfinetava um dedo em serviço, atribuía-lhe o golpe…
Se o marido estivesse irritado, dizia-se vítima do verdugo invisível…
Se a cabeça doía, acusava-o…
Se uma chávena se espatifasse, no trabalho doméstico, imaginava-se atacada por ele…
Se aparecesse leve dificuldade económica, transformava a prece em crítica ao desencarnado infeliz…
Reconhecendo que a interessada não encontrava libertação, por teimosia, os instrutores espirituais ligaram os dois – a doente e o acompanhante invisível – em laços fluídicos mais profundos, até que ele renasceu dela mesma, por filho necessitado de carinho e compaixão.
Os benfeitores descansaram.
O obsessor descansou.
A obsidiada descansou.
O esposo dela descansou.
Transformar obsessores em filhos, com a bênção da Providência Divina, para que haja paz nos corações e equilíbrio nos lares, muita vez é a única solução.

Por Hilário Silva (Espírito) através do médium Francisco Cândido Xavier. Fonte: "Caminho espírita", editora IDE.

Dos artigos pedidos às cerimónias

Entraram por correio eletrónico várias mensagens, logo respondidas.

J.M. diz em fevereiro por correio eletrónico: **«Frequento habitualmente um centro espírita na zona de Loures, onde normalmente adquiro e leio com muito interesse o JDE - «Jornal de Espiritismo». No Jornal n.º 96, de Setembro-Outubro, na página de Cinema/Literatura, vinha publicado o artigo "Ramatís, o Espírito Pseudo-sábio", escrito pelo Companheiro Carlos Alberto Ferreira. Gostaria muito de possuir o ensaio completo. Seria possível enviarem-mo em formato pdf? O jornal n.º 97, de novembro-dezembro, na página Consultório, publica também um outro artigo muito interessante, assinado pela médica Gláucia Lima, que muito gostaria de ter. Trata-se "Do Vazio Existencial à Vivência da Espiritualidade". Se for possível da vossa parte enviarem-me os ficheiros com estes dois referidos artigos, desde já deixo aqui os meus sinceros agradecimentos».**

A resposta foi simples: «Na sequência do seu pedido anexamos os artigos solicitados. Disponha. Seguem as nossas saudações fraternas. Mais informamos que encontra no seguinte link as edições do JDE – www ».

EM FRANÇA A TRABALHAR

Diz I.M.: **«Pretendo saber o seguinte: não sou espírita, estou em França a trabalhar. Tenho uma filha adolescente. Depois vários exames os médicos não sabem o verdadeiro diagnóstico. Tudo estava normal até que duas semanas antes de novembro começou a ter vários problemas. Dores no corpo todo, quase perdeu o andar. Pensaram em reumatismo, mas acho que não, deu negativo. A minha filha disse que viu uma imagem no quarto dela. Gostava que me ajudassem por favor, pois estou longe».**

A resposta não demorou: «Recebemos a sua mensagem e fazemos votos de que tudo esteja já a correr melhor diante do problema com que depara na sua filha. Iremos orar por ela, contudo, não deixe de lado o acompanhamento médico, cuja ajuda é sempre muito importante.

A ligação entre mães e filhos é forte e especial, mas procure não se entregar mais do que o necessário à aflição. A nossa mente nessas dificuldades tem de reter invariavelmente algum espaço para a tranquilidade e paz interior, a fim de que a inspiração dos mensageiros do Eterno Bem consiga ser acolhida. Ninguém está desamparado do amor de Deus, onde quer que se encontre. A hora em que escuridão mais se faz sentir é o preciso momento em que o ponteiro dos minutos inicia a sua marcha para o nascer da luz. Guarde a sua fé.

Fazendo votos de que entretanto tudo esteja melhor consigo e com a sua filha, deixamos-lhe as nossas saudações fraternas».

foto pixabay

Tendo em conta que a morte do corpo físico pode não coincidir com a desencarnação, convém aguardar, de acordo com a opinião de alguns Espíritos, pelo menos 72 horas até à cremação...

CERIMÓNIAS FÚNEBRES

E.J. coloca várias perguntas: **«a doutrina espírita como propõe que sejam abordadas as cerimónias fúnebres, após o desenlace físico de um cristão?»**

Resposta - A doutrina espírita nada propõe acerca do assunto, para além do que consta em "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec. As cerimónias fúnebres sejam de quem for, devem ser de acordo com a vontade do próprio ou da família, independentemente das suas convicções religiosas.

Se a pessoa for espírita, poderá fazer como melhor lhe aprouver, sendo a simplicidade, a espiritualidade e a serenidade sempre apanágio do momento do enterro ou cremação. É mais um acto social, de normas sociais em que se enquadra a pessoa, do que propriamente um acto espiritual.

No entanto, deve ser com recato, harmonia, paz, equilíbrio. Por exemplo, ser um evento simples, com música ambiente em tom baixo (velório), sem tristezas que desequilibrem. O funeral deve ser normal, sem rituais, podendo alguém da confiança da família, sendo espírita, dissertar breves palavras acerca da imortalidade, abrindo ali um portal de esperança e consolo para todos os presentes, nos dois lados da vida.

Outra pergunta: **«Qual a posição da doutrina espírita face a uma possível cremação do corpo físico?»**

Resposta - A cremação é hoje um hábito social cada vez mais utilizado pelo mundo inteiro. Tendo em conta que a morte do corpo físico pode não coincidir com a desencarnação (desligamento), convém aguardar, de acordo com a opinião de alguns Espíritos, pelo menos 72 horas até à cremação, a fim de que o Espírito tenha mais tempo para se desligar. No entanto, nunca podemos ter essa garantia, pois o desligamento mais ou menos rápido terá relação direta com a vida que a pessoa teve, os seus sentimentos, o seu pensamento. Existem pessoas que esperam uma semana pela cremação, solicitando que o corpo fique depositado no frio durante esse tempo.

A doutrina espírita nada refere acerca do assunto, mas o bom senso leva a entender a sugestão espiritual acima referida, de esperar pelo menos 72 horas, como uma escolha lógica, dentro do possível.

Nova pergunta: **«Deverá haver lugar/justificação a algum cerimonial, antes do enterro ou cremação, a exemplo de religiões que conhecemos?»**

Resposta - Já respondemos acima. O Espiritismo, não sendo uma religião nem seita, mas sim uma doutrina (conjunto de ideias) de índole filosófica e moral não tem rituais, pelo que no funeral de um espírita não existirão rituais, apenas o referido acima ou como desejarem os familiares.

Pergunta: **«Um espírita razoavelmente consequente que frequente convictamente um centro espírita, há cerca de 20 anos, mas que teve uma formação religiosa católica e viva num ambiente familiar católico, que deve pretender que os seus filhos respeitem, apos a sua morte?»**

Resposta - Um espírita convicto, seja há dois dias ou há 20 anos, se o desejar, deixará indicações aos familiares de como deseja que seja o seu enterro. Se é espírita convicto não faz sentido pedir para ser enterrado com rituais católicos ou budistas ou maometanos, no entanto é sempre uma escolha pessoal, sem qualquer importância para o Espírito. A César o que é de César e a Deus o que é de Deus, ensinou Jesus de Nazaré. Enterrar os corpos mortos faz parte da materialidade; encaminhar e orar pelos desencarnados faz parte da espiritualidade.

A forma nada conta para o Espírito que conhece bem a doutrina espírita. O conteúdo, as preces, os bons pensamentos, isso sim contribui para o seu despertamento mais suave no mundo espiritual.

Pergunta: **«As chamadas determinações de um moribundo devem ser respeitadas neste cenário?»**

Resposta - Obviamente que sim, é uma questão de respeito pelas decisões do próximo, conforme gostaríamos que fizessem connosco.

Pergunta: **«Que publicações sugere para consulta e esclarecimento?»**

Resposta - «O Livro dos Espíritos», «O Evangelho segundo o Espiritismo», «O Céu e o Inferno», todos de Allan Kardec.

FICHA TÉCNICA

Jornal de Espiritismo
Periódico Bimestral
Director: Ulisses Lopes
Editor: ADEP **Redator:** Pedro Pereira
Maquetagem: Pedro Oliveira
Fotografia: ulisses.com.pt e Arquivo
Tiragem: 2000 Exemplares
Registado no Instituto da Comunicação Social com o n.º 124325
Depósito Legal: 201396/03

Administração e Redacção
ADEP - Rua do Espírito Santo, N.º 38, Cave
Nogueira – 4710-144 BRAGA

Assinaturas
Jornal de Espiritismo
Apartado 161
4711-910 BRAGA
E-mail
jornal@adeportugal.org

Conselho de Administração
Noémia Margarido, Isaías Sousa

Publicidade
Apartado 161
4711-910 BRAGA
pub@adeportugal.org
Propriedade
Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal

ADEP
NIPC 504 605 860
Apartado 161
4711-910 Braga
E-mail:
adep@adeportugal.org
http://www.adeportugal.org

Impressão
Oficinas de S. José – Braga

EDUCAR + Quem é o meu filho?

"A encarnação é necessária ao Espírito para conseguir esse duplo progresso, intelectual e moral. O progresso intelectual é realizado pela atividade que é obrigado a desenvolver nos seus trabalhos. O progresso moral, pela necessidade das relações mútuas entre os homens." • "O Céu e o Inferno", Allan Kardec

Com a "avalanche" de crianças "diferentes" que estão a nascer atualmente, à questão "quem é o meu filho?" está, na maioria das vezes, camuflada um pouco da nossa vaidade que cuida das aparências, alimentando o orgulho de casta que está enraizado no Ser desde o pretérito. A crença de que há sempre o melhor, o primeiro, o especial, vem da nossa pequenez que ainda dorme sobre a ilusão de que uns são filhos de Deus e, outros, menos filhos... Essa crença que já levou a humanidade a tantas atrocidades e que, se olharmos para trás, e para as nossas tendências atuais, percebemos o nosso envolvimento nesses enganos.
Muito embora, ainda, a situação de guerra em partes do mundo, aqui e ali corrupção, distúrbios de vária ordem, o ser humano tem lutado para reparar os erros e criar condições para dignificar a Vida em muitos sentidos. Que bom! Visível se torna a luta entre o bem e o mal, onde, queiramos ou não, vamos aferindo as nossas capacidades espirituais perante as escolhas que fazemos quando chamados a essa mesma luta. E a nossa tarefa é a de despir esse homem/mulher velho, ruidoso, ignorante... para uma nova veste, mais límpida, mais transparente.
A nova geração vai chegando, são os nossos filhos. Não importa de onde vêm, pois necessitam de nós, de bons exemplos, de ânimo para conseguirem habitar o momento de transformação por que passamos. O mundo precisa das suas conquistas mas, eles, do mundo precisam. A reencarnação, sendo lei divina, possibilita-nos despertar para evoluir. Quanto mais despertos, maior a possibilidade do autoconhecimento e de sermos cooperadores nas boas obras.
Quem é o nosso filho? Um ser que Deus colocou nos nossos braços para fazermos a nossa parte, no sentido de os colocarmos ativos, conscienciosos, para que, por sua vez, cumpram a sua parte neste momento de regeneração. Índigo, cristal, isto ou aquilo, mais evoluído ou não, esperto, irrequieto, amoroso, falador e tantas outras características, continua a ser o filho que necessita da orientação dos pais: ajudá-lo a gerir as suas emoções, a conhecer os limites, a espiritualizar-se para que se realize o ambiente fraterno, de solidariedade que a Terra necessita, é a forma dos pais contribuírem para a evolução dos seus filhos e de todos. Longe de serem Espíritos puros, necessitam que os pais se afastem de uma educação narcisística, para que não haja tempo para grande contemplação que provoca muita distração e perigos. Lembrem-se pais, cuidem-se bem para melhor cuidarem dos vossos filhos! A proposta do Espiritismo, mais do que nunca se encontra de pé: a reforma íntima para que saibamos "Amar o próximo como a si mesmo"!

Foram editados pela Federação Espírita Portuguesa coleções completas de livros para estudo espírita destinado a crianças e jovens, que poderão ser comprados on-line

Foram editados pela Federação Espírita Portuguesa coleções completas de livros para estudo espírita destinado a crianças e jovens, que poderão ser comprados on-line ou na sede da FEP e nas Casas Espíritas. Ainda, à sua disposição, no site da FEP, o Programa Orientador para a Educação Espírita para Crianças e Jovens, que poderá baixar gratuitamente, e auxiliar a sua criança ou jovem no seu processo de educação integral.
A FEP igualmente disponibiliza uma "pen drive" com todo o material do programa a quem o solicitar.

Livros relacionados com o Programa Orientador:

Coleção Espiritismo para crianças - 6 anos (4 livros)
Coleção Espiritismo para Crianças – 7-8 anos (12 livros)
Coleção Espiritismo para Crianças – 9 anos + (12livros)
Coleção Estudando o Espiritismo – 12 anos + (12livros)
Coleção Estudando o Espiritismo – 15 anos + (2 já disponíveis)
Livros complementares para o estudo: "Pensamentos que fazem Crescer"; "A Lenda do Arco-íris"; "Parábolas e Efemérides cristãs".

Em construção se encontra o livro destinado aos 5 anos para apoio ao Evangelho no Lar e os demais referentes a 15anos+

Por Manuela Vieira

Vamos ficar bem

"Vamos ficar bem!" – este é o lema mais ouvido e cantado no momento entre todos os povos e em todas as línguas. Tornou-se um desejo universal! Iniciamos o ano de 2020 a dizer "Este é que é!", prenunciando, um ano diferente, vindouro, anunciador de uma nova era, de um mundo novo, de novas oportunidades, um ano "supertop" 10 (20 20).

foto pixabay

Estávamos longe, muito longe de saber o que estava à nossa espera. Tantos planos de catástrofe simulados e ali estava uma verdadeira catástrofe não ensaiada. Para muitos com contornos de filme de terror, mas, para outros mais impressionáveis, um cenário esperado, previsto por muitos, como uma necessidade de limpeza terrestre, como parte da anunciada "transição planetária".

Sem sombra de dúvida, nenhum de nós estava à espera de tal apelo à capacidade de adaptação, de limitação da liberdade, de modificação da manifestação dos nossos afetos, de reaprendizagem da ocupação dos nossos tempos em família e da obrigatoriedade da convivência familiar, por um lado, e do afastamento social obrigatório de outras atividades que faziam parte do nosso dia a dia e da nossa higiene mental.

Há muito temos observado desencarnações coletivas de vária ordem, em várias partes do Globo terrestre, incluindo outras tantas pandemias, que assolaram populações inteiras e não escaparam decerto às leis de Deus e as necessidades evolutivas do nosso planeta. Não estamos a falar em apocalipse ou final dos tempos. Com toda a convicção, podemos afirmar que essa pandemia não foi a primeira, e também, por uma ordem natural, não será a última.

Nesse cenário de pandemia, foi- nos retirada a primazia do TER, ensinando-nos que o essencial está no SER, porque tudo pode ser-nos retirado de repente.

E, nesse contexto, elevaram-se conflitos de variada ordem, que aqui vamos chamar de **efeitos colaterais** do efeito COVID-19, objeto deste texto.

Não deixa de assustar até os mais avisados, este movimento agora, em massa e globalizado, que não se compadece da etnia, género, raça, ideologia política ou orientação religiosa, que nos remete a todos para uma condição de vulnerabilidade. Por outro lado, impele-nos a uma condição de luta, força e sobrevivência pela vida, dando-lhe mais valor.

À data, no dia 16 de abril de 2020, temos um total de **4.362.996** casos confirmados pelo SARS- CoV -2, relacionado com a síndrome respiratória aguda e responsável por um total de **297465** mortos e 1.558.462 de recuperados (OMS) em todo mundo, sem contar com aqueles que não fizeram testes e foram infetados por uma forma assintomática da doença. Essa estirpe do vírus já identificada desde 2003 é responsável por esta pandemia (epidemia mundial de uma doença infecciosa, que abrange uma grande área geográfica como, por exemplo, um continente) denominada COVID- 19.

Na história dos tempos, temos outras pandemias reconhecidas, como da cólera, gripe asiática, gripe suína, Tifo, gripe A e a atual COVID-19 que, em Portugal, de 2 de março a 16 de maio, tirou a vida material a 1203 pessoas.

Sabe-se que a maioria das pessoas infetadas tem uma infeção respiratória leve a moderada e recuperou sem necessidade de tratamento especial. Entretanto, pessoas mais vulneráveis com problemas médicos cardiovasculares, respiratórios graves, diabetes, baixa imunidade, ou doenças oncológicas (OMS) desenvolvem formas graves da doença com alta letalidade.

Temos visto ondas de solidariedade, em todas as partes, fazendo apelo aos melhores valores da população em busca de apoiar o seu semelhante. Esse momento de crise veio resgatar em nós o melhor de nós próprios através dos profissionais de saúde abnegados que deixam os seus lares para prestar o serviço ao próximo; dos agentes de autoridade que no exercício da sua função controlam a ordem e as diretrizes governamentais; do cidadão comum que respeita o estado de emergência, sabendo que o seu isolamento foi necessário para bem de todos; e dos cidadãos que, numa onda de solidariedade, lembram-se dos menos favorecidos que do dia para noite deixaram de receber o seu salário; ou de ter um emprego temporário.

Como em toda a crise, somos levados a rever os nossos valores, reajustar as nossas opções de vida, a equacionar os nossos tempos e espaços de trabalho e lazer. Por outro lado, é posta em causa a nossa busca de espiritualidade face à fragilidade da vida e, por fim, até o nosso plano existencial. Podemos arriscar-nos a dizer que nada voltará a ser como dantes.

Surgem naturalmente os conflitos colaterais do COVID-19 face ao confinamento, que dizem respeito à obrigatoriedade do convívio, que exacerba os problemas familiares em famílias já de si mais vulneráveis à violência doméstica; as paranóias que dizem respeito a delírios de infestação, "se todos vamos ficar contaminados, todos vamos morrer"; a delírios de ruína, "se vamos morrer, mais vale a pena acabar já com a vida"; já se tendo registado casos de suicídio neste contexto; aumento de ansiedade pelo medo da contaminação e por força do excesso da informação fornecida pelos órgãos de comunicação social, situações de fobia que transcendem a necessidade do isolamento e refletem o pânico do contacto social, aumentando a procura de apoio emocional e psiquiátrico em pessoas que até nunca necessitaram de seguimento e em outras que se encontravam estáveis.

Para além, desses efeitos atuais, já temos sentido, outros que provêm das consequências económicas e financeiras que a pandemia tem gerado, com uma grande crise na maior parte das famílias, com a perda económica, causando instabilidade emocional, aumento de perturbações de ansiedade e depressivas, pelos problemas causados pelo desemprego em tecidos sociais mais frágeis.

Num primeiro momento, outro motivo de ansiedade e pânico para os que têm uma sensibilidade para o despertar espiritual foi o confronto com os seus compromissos assumidos face à sua consciência espiritual, questionando serem merecedores ou não do novo "planeta regenerado", fruto de um sentimento inútil de culpabilidade, sentimento este, desnecessário e pouco favorável à saúde física e mental.

Em primeira instância, como se do dia para a noite o planeta fosse passar de planeta provação/expiação para planeta de regeneração, como se essa fosse a última oportunidade para nos tornarmos homens de bem!

Devemos ser úteis à família, à sociedade e ao nosso próximo de acordo com as nossas possibilidades e com a consciência que estamos a fazer o nosso melhor a cada dia.

Estamos a passar por um período em que nos é pedida uma grande capacidade de adaptação, resiliência e provação. Onde os valores essenciais sobrevêm para a sobrevivência. Separamo-nos fisicamente para nos proteger e nos unir. Ficam os laços essenciais, os do coração, os valores morais, que unem as pessoas para além das crises que os separam.

As pessoas saem das ruas e resguardam-se e só sobrevivem se finalmente, numa crise de saúde pública, se unirem e fizerem algo, uns em prol dos outros. Quanto mais agirmos egoisticamente, mais se propagará a doença.

Como tudo nas nossas vidas passa, este é mais um cenário que também irá passar. Faz parte da evolução necessária **e da nossa própria transição,** esperada e desejável, a fim de nos tornarmos seres melhores. De um planeta de prova e expiação para um planeta de regeneração, mas esse também é um processo que não dá saltos e que se dará através de vários **processos interiores de mudança.**

Muitos de nós ficarão e outros irão partir com muitas funções edificantes para a pátria espiritual ou para outros lares, mas com a certeza de que nunca ficaremos desamparados, apoiados firmemente pelo nosso mentor maior, não sendo esse o anúncio dos fins dos tempos, mas, simplesmente, porque faz parte do nosso processo evolutivo.

Cabe uma palavra final. É útil diariamente fazer-se um exercício de consciência, aceitando com serenidade tudo que nos é dado, fazendo o nosso melhor por nós mesmos e pelo nosso próximo mais próximo, como aprendizes do verdadeiro amor.

Por Gláucia Lima
Médica Psiquiatra, Terapeuta com Formação em Terapia Familiar e Abordagem Sistémica, Psicodrama; Terapeuta Transpessoal.

O olhar do médico perante a dor e o sofrimento

Apesar da Organização Mundial de Saúde (OMS) definir saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, na prática a saúde continua a ser vista como a ausência de doença, onde o médico tem a função de a prevenir, diagnosticar e tratar quando surge.

foto pixabay

Nesse exercício, ele é regido pelo código deontológico com base nos princípios da beneficência, da não maleficência, da autonomia e da justiça. Para além do código deontológico têm ainda sido aprovadas diversas leis que reforçam os direitos dos doentes. Mas todos estes princípios, regras e leis não obrigam à compreensão do sentir do doente em relação à sua doença. Porque a compreensão desse sentir está para além das leis, passa pelo amor e pela compaixão, que não se impõem, apenas se sentem.
Dentro de uma medicina materialista, reducionista, exclusivamente baseada na evidência, o médico centra-se na doença e não no doente distanciando-se, dessa forma, do sentimento. Afinal, medicina é ciência, por isso, não venham falar de amor! Esta é a visão da medicina à luz do paradigma materialista, mas este paradigma é apenas um esboço do que deve ser a medicina, porque o exercício da medicina na sua plenitude tem de ir além do corpo físico.
Nas últimas décadas, já foram dados alguns passos nesse sentido. Cecyli Saunders – mulher extraordinária, criou os Cuidados Paliativos e introduziu o conceito de dor total, afirmando que a dor, para além do seu componente físico, tinha uma dimensão psicológica, social e espiritual.
Depois de tanto tempo em que a ciência estava instalada no mundo exclusivo do racionalismo, ali estava ela estabelecendo uma ponte segura com o mundo das emoções e dos sentimentos.
Em Cuidados Paliativos o médico passa a centrar-se no doente e não na doença. O objetivo é aliviar a dor sofrimento numa perspectiva integral. Dentro desta área da medicina fala-se da necessidade de compaixão. E, compaixão é uma expressão de amor.
Não há, pois, duvida que o amor já começa a ter lugar dentro do exercício da medicina atual, mas é preciso fazê-lo crescer.
Porque apesar de se ter no amor o pilar principal da ação médica, isso não quer dizer que se descure o aspeto científico da medicina. Pelo contrário, o amor expresso na vontade de diminuir a dor e o sofrimento contribuirá para o seu avanço contínuo.
Mas fará muito mais do que isso…
Porque na verdade, a maior parte daqueles que escolheram ser médicos, tiveram como móbil o desejo de ajudar, de aliviar o sofrimento do seu próximo e isso é amor.
Mas, ao longo do tempo, no exercício da sua atividade profissional, pelo desenvolvimento e pela exigência dos aspetos técnico-científicos o médico aproximou-se cada vez mais da doença, distanciando-se, quantas vezes sem se aperceber, do doente…
Há algum tempo, depois de me apresentar a um doente que estava internado, dizendo-lhe que seria, a partir daquele momento a sua médica, ele estendeu-me a mão e durante um cumprimento demorado, olhou-me nos olhos com um olhar sem esperança e disse-me:
Muito gosto em conhecê-la, mas sabe, desde que adoeci já conheci 19 médicos… todos muito competentes, não duvido, mas nenhum me conheceu!
Mais palavras para quê?
Percebi a mensagem - aquele doente precisava de muito mais do que um tratamento eficaz para a sua doença, precisava de alguém que se aproximasse dele que o ouvisse nas suas dores e angústias, que lhe mostrasse compreensão e compaixão. E isso é amor!

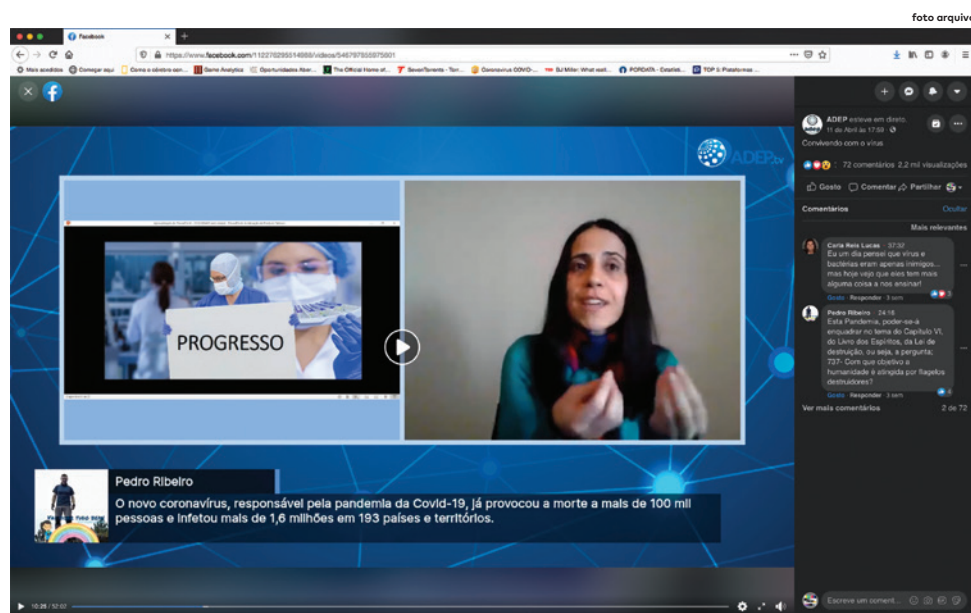
Em Cuidados Paliativos o médico passa a centrar-se no doente e não na doença. O objetivo é aliviar a dor sofrimento numa perspectiva integral. Dentro desta área da medicina fala-se da necessidade de compaixão. E, compaixão é uma expressão de amor.

Mas, o médico, para além de dar esse amor, deve fazer mais ainda: deve saber colocar-se como um agente facilitador da cura, estimulando o doente a ter um papel ativo perante a sua doença e a sua cura.
Já Hipócrates, propondo um modelo integrado entre corpo e alma, dizia que o Homem tinha uma farmácia dentro de si.
É, por isso, necessário estimular essa farmácia, ajudar o doente a descobrir e a desenvolver os "fármacos" disponíveis no seu íntimo. O fármaco do otimismo, da harmonia, da esperança…
E se não existirem, procurar atentamente uma motivação, seja ela qual for, que possa tornar a sua dor, o seu sofrimento, mais suportável.
Muitas vezes, é na espiritualidade que o doente encontra esse suporte. Por isso, depois de se avaliar a recetividade do doente, deve-se incentivar a sua religiosidade ou espiritualidade, não no sentido de lhe incutir qualquer tipo de culto ou religião mas, simplesmente, de estimular os fatores positivos das suas próprias crenças, sejam elas quais forem.
Na atualidade são inúmeros os artigos publicados em revistas internacionais que mostram o benefício da fé e da oração no controlo de sintomas.
Por tudo isto termino afirmando que a medicina do futuro estará alicerçada no Amor Universal, baseado nos ensinamentos de Jesus que apenas nos pediu para nos amarmos uns aos outros.
Afinal, teremos sempre de falar de amor…

Texto: Paula Silva

Palestras on line em altura de pandemia

Em tempo de pandemia com direito a estado de emergência, as palestras públicas semanais de entrada livre foram suspensas por todo o país.

foto arquivo

Não puderam, assim, estabelecer o contacto presencial com as numerosas pessoas que ali afluem. Porém, o facto é que se foi percebendo pelas redes sociais da internet que algumas destas coletividades foram criando meios de produzir palestras diretas on line, normalmente através do Facebook. Aliás, repare-se que o estado de emergência bem acatado pela população reteve praticamente toda a gente em casa.

A própria Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal (ADEP) teve essa iniciativa, aos sábados pelas 18h00. Ulisses Lopes, de Braga, dia 21 de março, falou sobre "Pandemias". Na semana seguinte Carlos Miguel, da cidade do Porto, dissertou: "Vai ficar tudo bem". Seguiu-se em 4 de abril "Tecnologia e espiritualidade", por José Lucas, de Caldas da Rainha. Betina Ferreira, de Braga, explanou "Convivendo com o vírus" dia 11. Dia 18 de abril, altura em que se comemorava os 163 anos passados sobre a primeira edição de "O Livro dos Espíritos", em Paris, França, e na proximidade do Dia da Mãe, o tema foi "Elas são o máximo", entre outras.

Estas apresentações ficaram disponíveis no canal de YouTube da ADEP e durante a transmissão estas apresentações tiveram muita interação com quem acompanhou o direto. Vários centros espíritas foram fazendo as suas transmissões. Aconteceu isso com a Fraternidade Espírita Cristã, de Lisboa, ou a Associação Cultural Espírita de Santarém e o Centro de Cultura Espírita, de Caldas da Rainha. Terão tido lugar outras emissões, mas o facto é que não conseguimos aperceber-nos de todas as que foram feitas nessa altura.

Honra a Abril: pelo direito de associação

Apesar da restrição de funcionamento dos centros espíritas em altura de coronavírus, o facto é que, se hoje é possível o direito de associação no movimento espírita, isso deve-se à Revolução de 25 de Abril de 1974.

Antes dessa data, quem queria estudar a doutrina tinha de se reunir pela calada, com receio da repressão, nas casas de uns e de outros ou em encontros tipo piquenique nas serranias. Em plena ditadura salazarista e instalados serviços da censura em tudo o que era comunicação social, o que existia de movimento espírita em Portugal tinha sido suprimido praticamente desde a década de 1950, altura em que centros como a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas viram a sua sede social na Rua Álvares Cabral, no Porto – a fachada que tinha então é a mesma que ainda tem hoje, onde funciona uma gráfica – confiscada e entregue a outrem pelo regime fascista. O mesmo aconteceu em Lisboa.

É curioso notar que, depois da noite da repressão, logo se reorganizaram publicações e centros espíritas. Isso deve-se quer à programação que os novos adeptos espiritistas trouxeram consigo quer à existência de organizações espirituais na proximidade das cidades, onde serviços de apoio são prestados, servindo estas associações de postos avançados dessas estruturas de amor ao próximo sediadas no Plano Espiritual.

O que foi esquecido, na época sombria anterior ao 15 de Abril, e lhe sobreviveu materialmente permite-nos hoje ter uma ideia, ainda que pálida, do que seria, por exemplo, uma palestra muito concorrida em dia de visita especial, do Dr. Joaquim Freire, médico, na referida associação, segundo o texto e as fotografias publicadas na revista "Além" de novembro-dezembro de 1947.* Nessa altura, fica-se com a impressão a partir deste fragmento de informação e de outras fontes, que a qualidade doutrinária era rala, já que na altura parecia ter-se substituído as luzes de Allan Kardec pelo novidadismo de outros espiritualismos gerando conteúdos exotéricos.

Chega-se a pensar que, mediante os apoios existentes na primeira metade do século XX, por parte de beneméritos como Firmino de Assunção Teixeira (Murça, 1879 - Póvoa de Varzim, 22 de julho de 1932), o movimento espírita não beneficia realmente de significativa capacidade financeira ou património, mas sim de trabalho pós-profissional esclarecido, com qualidade no conteúdo e na forma, a fim de prestar o serviço de bom senso e fraternidade que seja útil à humanidade.

* https://pt.scribd.com/document/290880270/Revista-Alem-Nov-Dezembro-de-1947

Renovação moral: a maior consequência do espiritismo

Da cidade de Santa Maria da Feira, licenciado em economia, Isaías Sousa é empresário. Colabora com uma associação espírita em S. João de Ver, perto de Santa Maria da Feira, foi dirigente da Federação Espírita Portuguesa durante largos anos e é membro da ADEP desde o seu início.

foto arquivo

Isaías Sousa é, podemos dizer, património moral do movimento espírita português. A sua serenidade natural, bondade espontânea e solidariedade são conhecidas de uma autêntica multidão. Interessado pelos estudos espíritas desde a década de 1970, está visto: há uma série de perguntas inadiáveis.

– Interessa-se nos seus tempos livres por espiritismo há muitos anos. Por que razão?

Isaías Sousa – Vou tentar explicar esta pergunta, complementando-a com o seguinte: em 13 de maio de 1976, fui convidado para assistir a uma reunião espírita, numa casa particular, onde vim a saber que as pessoas que ali encontrei – e que eu conhecia muito bem –, se reuniam desde há uns dois ou três anos. Estas reuniões semanais eram realizadas à quinta-feira, por volta das 21h00, numa casa cedida gentilmente por um dos frequentadores.

Este grupo, aos domingos de manhã, por volta das 10h00, também se reunia para realizar o culto do Evangelho em localidades diferentes e, em regra, nos montes, pois nessa altura não eram permitidas associações espíritas, entre outras. Lembro-me perfeitamente dos locais: monte da Senhora da Saúde nos Carvalhos, o Monte da Virgem, São Marco em Fajões, Santo Ovídio em Lobão, base militar em Silvalde, Espinho, entre outros.

– Como aconteceu?

Isaías Sousa – Em criança e sem saber explicar tive contacto direto com alguns fenómenos mediúnicos, designadamente a vidência. Quando frequentava o Seminário nos Carvalhos, comecei a ter "ataques de sonambulismo", como se costumava dizer na época, com uma certa frequência. Claro que, na altura nada entendia destes fenómenos, nem tinha ninguém que me explicasse, apesar de várias vezes ter questionado o meu confessor.

Depois de sair do Seminário, e após o 25 de abril de 1974, comecei a sentir algo diferente na minha vida. Um dia, conheci uma senhora que era dotada de faculdades mediúnicas, nomeadamente a vidência e psicofonia, mais conhecida por incorporação. Não falou comigo, mas mandou recado por uma prima minha, que eu tinha que fazer algumas penitências, porque andava carregado e uma pessoa muito querida me acompanhava de longa data. Tudo isto aconteceu agosto ou setembro de 1974. Apesar de ter seguido as recomendações da senhora, a verdade é que, nada melhorou na minha vida.
Até que um dia a minha mãe me falou de um senhor, que por sinal era e é meu amigo, e me sugeriu que fosse ter com ele, pois que, falava-se ao tempo, que tinha poderes e que ajudava muita gente.
Desconfiado, e porque conhecia muito bem a pessoa, sem que ela me tivesse em algum momento falado sobre esta matéria, decidi ir ter com essa pessoa.

Quando lá cheguei, ele começou a falar sobre a doutrina espírita, mas eu, com o olhos muito arregalados, não entendi nada. Até que ele me sugeriu adquirir os livros de Allan Kardec, que os lesse, porquanto iria entender muita coisa da vida. Adquiri todas as obras da codificação e, ainda hoje, apesar de ter outras edições, conservo esses primeiros livros. No final, fui convidado para essa primeira reunião e que ocorreu em 13 de maio de 1976.
No entanto, permitam-me referir um episódio ocorrido. Antes de terminar a nossa conversa, este meu amigo disse que iria aplicar-me um passe magnético, o que veio a acontecer, mas já no final do passe, o meu amigo deu uma "arroto" tão forte que pensei intimamente, "Olha, aqui está outro igual à senhora que conheci", porquanto a senhora que referi atrás, quando a conheci, teve este mesmo comportamento.
Nesse dia 13 de maio, quando entrei na sala em que se realizavam as reuniões

espíritas, e ouvindo muito atentamente o que ali se dizia e principalmente quando a pessoa incumbida de comentar o Evangelho começou a falar, a minha admiração aumentou. Como era possível, uma pessoa que eu conhecia, cuja formação era a 4.ª classe, falasse de uma forma fluente e precisa, transmitindo factos do Evangelho com ideias tão claras? A partir daí, comecei a participar nestas reuniões, procurando estudar a doutrina espírita.

Lembra-se de como era o movimento espírita antes do 25 de abril de 1974?

Isaías Sousa – Sobre o movimento espírita antes da Revolução de 25 de abril de 1974, as informações que tenho advêm de conversas de algumas pessoas amigas, algumas das quais vim a conhecer em reuniões e congressos.

No âmbito daquelas informações, vim a saber que o movimento espírita em Portugal, continental era muito reduzido, para não dizer quase nulo. E, digo isto, porque conheci a dificuldade e a cautela que determinados movimentos tinham de ter para realizar algumas reuniões de planeamento contra a ditadura. Lembro-me de, após ter saído do Seminário, ter participado em algumas reuniões estudantis e sindicais, onde cada um dos frequentadores entrava à socapa para que não fosse descoberto e denunciado à PIDE (polícia política). Pelo que, tendo em conta as perseguições e denúncias que havia antes do 25 de abril, e o Governo ditatorial ter extinguido a Federação Espírita Portuguesa (FEP) com a consequente espoliação dos seus bens, se havia algum movimento, ele confinava-se a reuniões caseiras, muito embora, no Ultramar já começasse a despontar o movimento.

O que mudou até hoje?

Isaías Sousa – Desde o momento que conheci a doutrina espírita até aos dias de hoje, o movimento espírita português tem evoluído nos processos de divulgação. Quero aqui referir um Congresso Nacional de Espiritismo, que teve lugar em Lisboa em 8, 9 e 10 de novembro de 1994, promovido pela FEP, a que se seguiu quatro anos depois de um outro congresso mundial decorrido de 30 de setembro a 3 de outubro, sob a organização da FEP e do Conselho Espírita Internacional, que muito contribuíram para uma mais ampla abertura no conhecimento e na sua divulgação.

Embora, nem sempre, tenha havido uma preocupação para primar no referencial doutrinário, a verdade é que de uma maneira geral tem havido progresso e evolução. No entanto, gostaria de chamar a atenção para o seguinte facto: no âmbito da minha profissão, como Revisor Oficial de Contas e antes de iniciar o meu trabalho, a pergunta que fazemos é a seguinte: "Qual o referencial contabilístico que utiliza na preparação das demonstrações financeiras?". E, naturalmente que sou informado desse referencial, com o qual concordo ou discordo. Assim, para que os espíritas continuem a evoluir, a primeira pergunta que devem fazer é a seguinte: Qual o referencial doutrinário que devo utilizar no estudo da doutrina espírita?

A resposta terá de ser bem clara, e não pode ser outra que não seja esta: as obras da Codificação: "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "O Céu e o Inferno" e "A Génese". Depois, quando dominar este referencial doutrinário, então poderá complementar o estudo com outras obras. Porque, se não se conseguir dominar com toda a plenitude este referencial doutrinário, de certeza que se haverá equívocos.

Fundou com outros amigos uma associação espírita, a Escola de Beneficência. Pode falar-nos um pouco disso?

Isaías Sousa – Antes de fundar a Escola de Beneficência e Caridade Espírita, em S. João de Ver, participei na fundação de uma outra: o Centro Espírita Cristão, de Fiães. Como referi, no início, as nossas reuniões eram realizadas numa casa de um confrade e nos montes. Depois começou a pensar-se numa casa exclusivamente para estas reuniões de estudo. E se, assim se pensou, de imediato começou a planear a legalização do grupo em associação nos termos da lei civil.

Assim, surgiu a legalização desta primeira associação no Cartório Notarial de Espinho que, por alguma influência e conhecimento que tinha neste cartório e apesar das dificuldades subjacentes ao ato, ao preconceito ainda existente sobre o Espiritismo, lá fomos 13 pessoas para o Cartório, onde o notário, que por sinal era uma senhora, acabou por nos ajudar, aperfeiçoando os estatutos. Acabou por fazer a escritura de constituição, a que se chamou Centro Espírita Cristão de Fiães.

Volvidos alguns anos, começaram a surgir algumas divergências, quanto aos processos de estudo. E, um grupo, no qual me incluo, decidiu afastar-se e constituir uma nova associação. O nome foi decidido numa manhã de domingo, numa reunião do grupo, no monte da Senhora da Saúde dos Carvalhos, a que se deu o nome de Escola de Beneficência e Caridade Espírita. Inicialmente as reuniões de estudo eram realizadas numa cave em Cucujães. Posteriormente foi decidido colocar mãos à obra para a construção de uma casa exclusivamente destinada ao estudo e reuniões e propriedade da associação. Depois de alguns percalços e indeferimento do projeto de construção para uma determinada localidade, surgiu a oportunidade de construir na localidade de S. João de Ver.

Mediante a experiência adquirida, houve a preocupação de colocar no papel a proibição a determinadas circunstâncias que pudessem desembocar no personalismo e consequentes desvios doutrinários.

Apesar de todos os anos passados, com muita alegria o digo, a EBCE tem mantido os princípios fundamentais da doutrina e a afluência dos que querem conhecer a doutrina no seu estudo sistematizado tem sido progressivo.

Foi o principal responsável pelo surgimento do JORNAL DE ESPIRITISMO, publicado pela ADEP. O 1.º n.º em novembro de 2003. Passadas duas décadas, está arrependido?

Isaías Sousa – Quando se começou a falar no projeto ADEP – Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal, disponibilizei-me de imediato sem quaisquer reservas.

Depois de várias reuniões de planeamento, onde foi discutida a estratégia de divulgação, foi apresentado um plano de trabalho de divulgação, tendo em conta as novas tecnologias que começavam a aparecer.

Assim, começámos por constituir em associação a ADEP, num dos cartórios notariais de Santa Maria da Feira, onde tive o prazer de colocar na escritura a minha assinatura. De seguida, surge a ideia de publicar o "Jornal de Espiritismo" que, com o trabalho árduo de jornalismo e encabeçado por pessoas competentes nesta área e noutras áreas como grafismo, paginação, financeira e logística, surge um primeiro número em novembro de 2003. Penso que foi um êxito, quer pela novidade quer pelo conteúdo, sendo de realçar a sua continuidade com muito mais pessoas envolvidas.

Assim tudo que possa contribuir para a divulgação, na parte que me diz respeito, jamais será alvo de arrependimento, antes pelo contrário.

Fala-se que no futuro os jornais serão eletrónicos. Na sua opinião é importante manter a versão impressa em papel deste jornal?

Isaías Sousa – Apesar da era da digitalização estar em constante progresso, penso que as edições em papel continuam a ter o seu lugar muito próprio. Sou um defensor da desmaterialização dos papéis em suporte digital, tendo em conta a comodidade de arquivo, quer em espaço quer mesmo na pesquisa desses mesmos papeis. Mas, apesar disso, para mim é muito mais fácil ler e estudar documentos em papel do que em suporte digital.

Acredito que as edições em papel, no curto prazo prazo, continuam com o seu lugar na sociedade. Na minha opinião, o "Jornal de Espiritismo", e tendo em conta os objetivos de divulgação, tem na sociedade um impacto de visibilidade muito maior, quando apresentado em papel do que em suporte digital.

A iliteracia está associada às ferramentas de estudo, como os livros. Pode ser-se espírita sem estudar espiritismo?

Isaías Sousa – De maneira alguma. Se atentarmos na definição do Espiritismo – sendo uma doutrina científica, filosófica de consequências morais, chegamos à conclusão que só através do conhecimento podemos adquirir bases racionais que nos permitem criar uma estrutura de sustentabilidade. Não basta dizer que se acredita nos pilares em que assenta a doutrina espírita, sem antes criar fundamentos que possam explicar todos os conceitos adquiridos numa base racional e de lógica e mais do que isso prever as consequências. Entendemos que, a maior consequência do conhecimento da doutrina espírita é a renovação moral.

Ora, se o indivíduo não estuda o espiritismo e não projeta uma ideia generalizada do seu futuro, não poderá planear a sua vida de forma a ultrapassar as dificuldades ou edificá-la em utilidade esperada. Desta forma o estudo do espiritismo permite-nos alcançar conhecimentos de análise ao nosso passado, vivenciando o presente e planeando o futuro.

Quer deixar alguma mensagem no final desta nossa conversa?

Isaías Sousa – Conhecendo a doutrina espírita, chegamos à conclusão que nunca estamos sós e as dificuldades vividas estão a um passo de distância da sua resolução.

**Quando se começou a falar no projeto ADEP – Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal, disponibilizei-me de imediato sem quaisquer reservas.
Depois de várias reuniões de planeamento, onde foi discutida a estratégia de divulgação, foi apresentado um plano de trabalho de divulgação, tendo em conta as novas tecnologias que começavam a aparecer.
Assim, começámos por constituir em associação a ADEP, num dos cartórios notariais de Santa Maria da Feira, onde tive o prazer de colocar na escritura a minha assinatura.**

O Espírito não tem sexo?

fotos pixabay

O novo coronavírus deu a volta à Terra na viragem do inverno para a primavera e revelou a tendência de devolver ao Plano Espiritual mais pessoas do sexo masculino do que do feminino, segundo os dados colhidos até à redação deste artigo. É possível comparar esse resultado com outros universos da tradicional balança de género?

Os dicionários elucidam: género é uma palavra que se aplica a um certo conjunto de seres ou objetos que partilham entre si características idênticas. Daí que seja normal falar-se do género masculino e do género feminino, sendo de sublinhar que utilizamos da mesma maneira sexo masculino e sexo feminino.

Dentro deste assunto, escuta-se no movimento espírita com frequência, justamente, que o Espírito não tem sexo. No entanto, todos os que lidam com mediunidade estão habituados a verificar que as tipologias femininas e masculinas têm uma continuidade imperturbável no Plano Espiritual. No Além como aqui na densidade material do solo terrestre os perfis psicológicos de género mantêm-se iguais em cada um(a). Tanto é assim que nas reuniões de esclarecimento através da psicofonia – em que o médium entra em transe e toma a personalidade da entidade espiritual que se vem manifestar – de início quem está ali a ajudar não sabe se está a falar com alguém dentro do perfil masculino ou feminino. E, se se enganar, não é raro a dada altura ouvir uma altercação mais ou menos enfática, ao tratar-se por exemplo de uma senhora desencarnada que, no diálogo esclarecedor, se pensa inconscientemente, de início com incerteza, ser um homem por estar a manifestar-se num médium masculino: «Estou assim tão mal que te pareço um homem?» ou vice-versa. Dizem isso porque habitualmente não sabem que não os estamos a ver, mas apenas a escutar através do médium.

Na linguagem de quem passa na rua, ao dizer que alguém morreu, normalmente crê-se que tudo acabou para essa pessoa: é o vazio. Na ótica espírita sabe-se que não é assim! A vida é mais complicada do que isso. Não vale entrar em simplismos sob pena de as leis da natureza – que não querem saber do que imaginamos a seu respeito – retirarem ao ser humano os véus da ilusão quando o sincronismo da vida nos transportar para a realidade incontornável da vida espiritual.

Os factos evidenciam que, em certas condições, o fenómeno da continuidade da vida além da morte do corpo material por vezes pode ser bastante bem verificado e as informações de que hoje dispomos por vários meios sobre essa continuidade da vida sucedem-se, abundantes, para quem tiver o bom senso de examinar melhor o tema.

O que dizem os gráficos?

Comecemos pelos dados do coronavírus COVID-19. Em 26 de março, por exemplo, registavam-se em Portugal 60 mortes: 19 pessoas do sexo feminino e 41 do masculino – desencarnou o dobro dos homens face aos números do género feminino. Aleatoriamente, noutro dia, em 5 de abril, foram 98 óbitos masculinos para 92 femininos. A maioria tem tido sempre lugar.

Se formos comparar na primeira data os dados com outros países, a tendência é evidente, conforme corria na imprensa internacional.

Nessa altura, por cada 10 casos de morte de indivíduos do sexo feminino, na Itália, desencarnaram 24 homens, na China 18, na Alemanha 16, no Irão 14, na França 14, na Coreia do Sul 12. Tudo indica que no final da pandemia esta relação, mais número menos número, deverá dar a prevalência da mortalidade masculina a superar a feminina.

Há decerto inúmeras teorias explicativas.

Para uns os homens tendem a ter hábitos de higiene mais deficitários face ao sexo feminino, défice igualmente em hábitos saudáveis – por exemplo, álcool e tabaco não ajudam o sistema imunitário –, para outros estas são mais resilientes face ao influxo afetivo da maternidade, com benefícios associados à sua saúde, e outros explicarão os resultados com diversas características celulares e psicossociais. Podem estar todas as hipóteses certas à sua medida e umas mais que outras. Na presente reflexão não é útil avançar por aí.

Pode ser interessante é junto destes resultados abrir algum diálogo quando somamos outras fasquias, como a que reporta as inscrições em dois anos de curso básico de espiritismo presencial. Com acesso aos números da totalidade de inscritos numa associação espírita, logo sem fins lucrativos, da cidade do Porto, relativamente às suas turmas presenciais de curso básico de espiritismo, obtivemos os seguintes dados na faixa das inscrições, feitas sempre sem quaisquer custos da parte de quem se inscreve – em 2018/2019, na turma dos sábados de manhã, houve 15 inscrições sexo feminino para 6 do sexo masculino. A turma das segundas-feiras à noite contou 22 inscrições do sexo feminino para 10 do sexo masculino. No presente ano, 2019/2020, houve 29 inscrições do sexo feminino para apenas 9 do sexo masculino. Aqui, a turma dos sábados teve 24 inscrições do sexo feminino para 11 do sexo masculino. As pessoas do sexo feminino são maioritariamente interessadas no conhecimento destas áreas.

Visto isto, é oportuno adicionar uma terceira série de resultados que se debruça sobre a relação de género nas manifestações mediúnicas, segundo os dados que apontamos regularmente. Como se apresentarão os resultados obtidos de perfis masculinos e femininos nas reuniões mediúnicas de esclarecimento?

Entre 2018 e 2019, numa reunião com dois médiuns psicofónicos, um masculino e outro feminino, registámos entre novembro e fevereiro a manifestação de 37 Espíritos desencarnados em necessidade de perfil masculino para 5 de perfil feminino. Entre março e junho foram ajudados 46 Espíritos desencarnados de perfil masculino para 11 de perfil feminino. De julho a outubro, atenderam-se 34 Espíritos desencarnados de perfil masculino para 8 de perfil feminino.

Verifica-se por isso algo que não constatamos agora pela primeira vez: há um fluxo, quer em médium psicofónico masculino quer em médium psicofónico feminino, em que prevalece a tendência de os Espíritos em dificuldade no Plano Espiritual de perfil masculino superarem

Na linguagem de quem passa na rua, ao dizer que alguém morreu, normalmente crê-se que tudo acabou para essa pessoa: é o vazio.

em número os femininos.
Em suma, há menor mortalidade de cidadãs vitimadas pelo novo coronavírus, assim como há maior quantidade de inscrições de pessoas do género feminino no curso antes referido e, por fim, são trazidos menos Espíritos desencarnados de perfil feminino pelos amigos espirituais que gerem o fluxo de auxílio em reunião mediúnica de esclarecimento. É assim decerto porque tendem a ser mais homens desencarnados a necessitar de ajuda do que Espíritos de perfil feminino. O que se poderá pensar a partir destes factos?

O sexo dos Espíritos

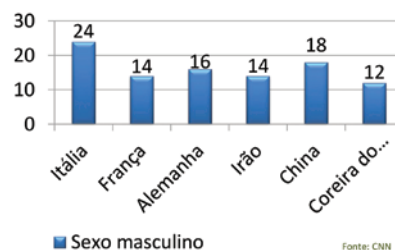
Em «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, na questão 200, coloca esta indagação: Os Espíritos têm sexo?
E a resposta vem assim: «Não como o entendeis, porque os sexos dependem da constituição orgânica. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos».
Logo a seguir explicam os instrutores espirituais que «são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres». Ocorre então o comentário de Kardec: «Os Espíritos encarnam-se homens ou mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, oferece-lhes provas e deveres especiais e novas ocasiões de adquirir experiências. Aquele que fosse sempre homem, só saberia o que sabem os homens».
Percebe-se com a experiência e a leitura deste livro que a morfologia masculina ou feminina é um cadinho distinto de experiência reencarnatória. Se é claro que essa morfologia se associa temporariamente, em muitos milhares de anos de evolução, à nossa espécie, Homo sapiens, dentro da lei de reprodução, entende-se que na vida espiritual, embora o perispírito (corpo espiritual) tenda a espelhar o módulo mental da experiência reencarnatória recente, essa morfologia não será mais do que o «abat-jour» de um candeeiro cujo elemento essencial é a luz da lâmpada. Podemos comparar a morfologia sexual ao «abat-jour» e a sexualidade, património inalienável do Espírito, encarnado ou desencarnado, como a luz que a lâmpada gera a fim de servir onde seja colocada a brilhar.

Cuidado com o amorfismo

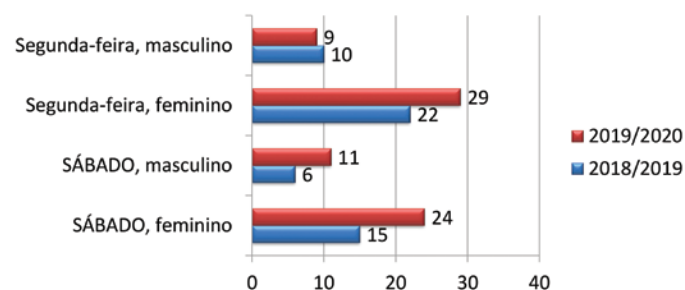
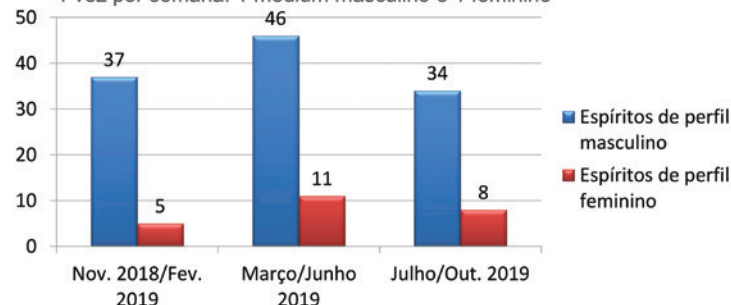
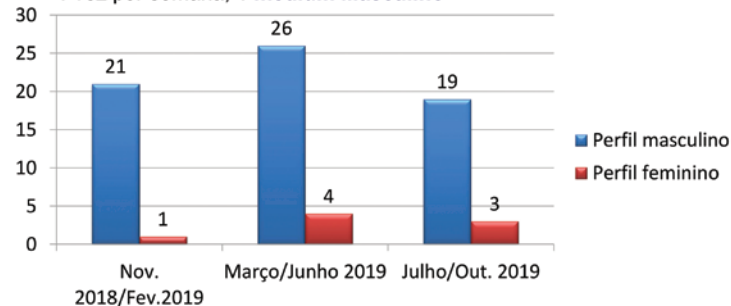
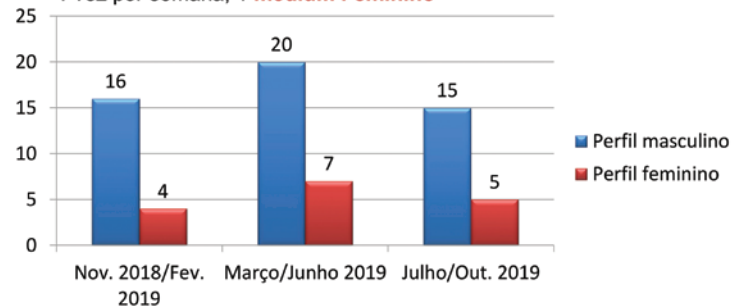
Neste contexto, o que se entende por amorfismo?
Amorfismo significa «tornar amorfo, inconsequente», no caso em pauta uma «limitação da capacidade vibratória de áreas dinâmicas do corpo espiritual (perispírito), nomeadamente as que estão ligadas às perceções no Plano Espiritual e que dependem sobretudo do influxo mental médio do próprio ser espiritual. O amorfismo – visto como escassez de espaço próprio para uma mente afetiva, feliz – inibe as usinas sensoriais do corpo espiritual que nos abrem caminhos por que ansiamos, muitas vezes sob véus de esquecimento mais ou menos prolongado», refere o livro «Casos (in)comuns e números curiosos – reuniões mediúnicas», publicado pela FEP.
Isso quer dizer que as percepções próprias do corpo espiritual dependem do teor do que pensamos e sentimos no quotidiano. Transferidos para a vida espiritual sem contarmos, vemo-nos com frequência ali tão vivos quanto antes, mas num estado de transição que pode ser não poucas vezes confuso. A situação agudiza se não tivemos o cuidado de no dia a dia interiorizar sentimentos de paz e alegria, em suma, de bem-estar interior. Isso vai dificultar a capacidade de que disponhamos nessa altura para ver e ouvir quem nos vem dar as boas-vindas. É de esperar que essas pessoas desencarnadas, face às atividades edificantes que lhes recebem a atenção, exteriorizem um corpo espiritual mais diáfano que nós outros, amorfos ou até com sentimentos infelizes, não temos como ver no imediato, nem mesmo às vezes quando esses benfeitores densificam o seu corpo espiritual.

Pode ser interessante é junto destes resultados abrir algum diálogo quando somamos outras fasquias, como a que reporta as inscrições em dois anos de curso básico de espiritismo presencial.

Decorre daí que a cultura em que nos inserimos, e talvez até a genética dos indivíduos masculinos, influa no sentido de os inclinar para uma menor exteriorização da afetividade, circunstância inibidora de percepções espirituais mais amplas. Isso poderá configurar o fator de maior significado para se compreender por que tende a manifestar-se uma maioria de Espíritos de perfil masculino na rotina de serviço de auxílio nas reuniões mediúnicas de esclarecimento.
"Sem amor no coração não teremos olhos para a luz", diz Clarêncio na obra de André Luiz (Espírito) através do médium Francisco Cândido Xavier. Corroborados pela experiência, não acha que isto faz sentido?

Texto: J. Gomes

A PROBABILIDADE DE SER INFETADO PELO CORONAVÍRUS COVID-19 VARIA SEGUNDO O GÉNERO

GENERO	TAXA DE MORTALIDADE	TAXA DE MORTALIDADE
	casos confirmados	*todos os casos*
Masculino	4,7%	2,8%
Feminino	2,8%	1,7%

Fonte: Worldometers.info (4-4-2020)

O Espírito e o Tempo

«O Espírito e o Tempo» é um livro da autoria de José Herculano Pires (1914-1979) que foi considerado pelas principais instituições espíritas do Brasil, como o sétimo livro mais importante da doutrina espírita, fundamental para quem deseja aprofundar o estudo desta realidade filosófica.

Trata-se de um desenvolvimento da antropologia espírita que observa os principais marcos históricos da evolução do Espírito.
Reconhecemos que não se trata de uma leitura acessível, sobretudo para quem iniciou recentemente o estudo desta doutrina filosófica. Mas sem dúvida que estamos perante uma obra de elevado valor epistemológico (ramo da filosofia que estuda as questões relacionadas com o conhecimento humano) que deve ser analisada com a racionalidade necessária, no contexto antropológico, histórico e filosófico, reforçando os argumentos científicos do Espiritismo, entendido na sua vertente científica experimental.
Este livro fala-nos da história do Espírito e a sua leitura remeteu-nos para uma pergunta que julgamos bem enquadrada com a sua mensagem: Por que razão a doutrina espírita inicia o seu desenvolvimento apenas na segunda metade do século XIX?
Dependendo da maturidade de cada leitor, em relação ao seu conhecimento doutrinário, várias respostas podem perfilar-se: Um acaso, uma etapa da História da Humanidade, um período de maturidade antropológica e religiosa, uma fase da evolução da Ciência, uma exigência psicossocial, o despertar dos sentidos coletivos, uma invenção do Ser Humano, uma emergência religiosa, a descoberta do psiquismo, uma criação do tempo ou uma imposição de Deus? José Herculano Pires desenvolve nesta sua obra, uma resposta que permite ao leitor visualizar os principais marcos da trajetória do Espírito no contexto cronológico, para fornecer a compreensão da ordem temporal que preparou o caminho das dimensões científica, filosófica e religiosa do Espiritismo.
Apesar do caminho percorrido, que notoriamente traduz um contexto global evolutivo, ainda são diagnosticadas hesitações, incompreensões e preconceitos sobre a natureza desta ciência experimental. Adianta o autor que existe ainda quem olhe para a doutrina espírita como uma sistematização de velhas superstições, a formulação de uma abordagem científica frustrada, a tentativa de criação de uma ciência infusa e não organizada, o esboço impreciso de uma filosofia religiosa, o aparecimento de uma seita religiosa ou de uma religião e superstição eivada de resíduos mágicos. Esta difusão interpretativa de que ainda padece o Espiritismo, é característica de um parto difícil que gradualmente desatará os nós dos preconceitos orgulhosos e incapazes de negar esta doutrina como uma realidade histórica. Nunca é demais afirmar que um dos alicerces do Espiritismo assenta na universalidade milenar, da crença na sobrevivência da alma, transversal a todas as religiões e civilizações.
Nesta obra de José Herculano Pires o tempo é apenas cronológico, para facilitar a referenciação dos principais marcos evolutivos do Espírito, lembrando que o conceito do tempo decorre da observação de fenómenos naturais (movimento de translação e de rotação da Terra, fases da Lua, vibração natural do elemento químico césio para a medição do segundo). Se ensaiarmos a perceção dos mecanismos do tempo, concluiremos que o tempo é inexistente e portanto sem realidade. Para atestar esta ideia, concorrem os Espíritos afirmando que: «Não contamos o tempo como contais; os Espíritos vivem fora do tempo».

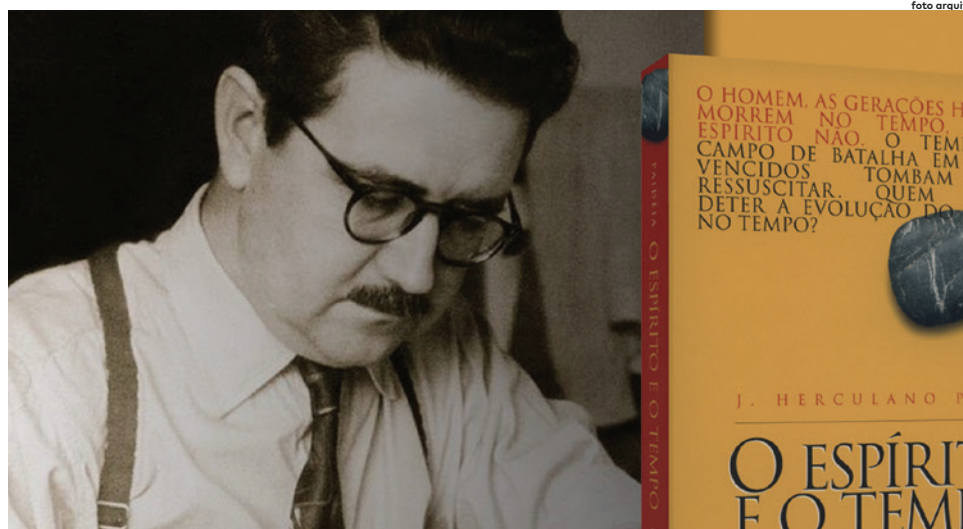



foto arquivo

O Espírito foi amadurecendo e revelando a sua natureza espiritual desde a fase designada por José Herculano Pires de horizonte tribal. Nele germinava o mediunismo primitivo, onde a lei da adoração manifestava os seus primeiros cerimoniais. Adoravam-se as pedras, as rochas, os relevos, os animais, preparando a configuração da mitologia e do politeísmo. O selvagem não tinha ainda a consciencialização dos fenómenos metapsíquicos, apesar destes atuarem de forma direta e imediata. Seguiu-se a fase do horizonte agrícola, há cerca de 12 mil anos, caracterizada fundamentalmente pelas formas de sedentarização. Esta grande transformação permite o desenvolvimento da racionalização anímica, que aprofunda a crença tribal na existência dos espíritos. Nesta fase tomam preponderância os elementos da Natureza, a Terra que representa a Mãe e o Céu que tipifica o Pai. No horizonte agrícola, Osíris é o deus egípcio fluvial que purifica a terra cuja representação também se identifica na água da renovação em S. João Batista. O sentido osírico da civilização egípcia estabeleceu contactos com a doutrina da ressurreição cristã, tal como o dogma da Virgem-Mãe tem a sua origem no mito egípcio da virgindade da Terra, deusa-mãe que permanece imaculada após a fecundação do deus-sol e, possibilita a fertilização dos campos após o inverno. José Herculano Pires nota que desde tempos ancestrais é a constelação de Virgem a primeira a aparecer no céu, logo depois do solstício de inverno. O horizonte agrícola manifesta ainda o mistério do pão e do vinho através do ritual da impregnação. O pão representado nas deusas grega Deméter e romana Ceres e, o vinho nos deuses grego Dionísio e romano Baco, em cujas cerimónias pagãs, o pão era impregnado pelo vinho, simbolizando a matéria fecundada pelo espírito. Diz-nos José Herculano Pires que o Espiritismo veio libertar o Ser Humano dessa impregnação para o conduzir ao horizonte espiritual. Estas configurações do horizonte agrícola acabaram por conformar o Deus Agrário do Antigo Testamento, através de processos sincréticos originados nos rituais mitológicos.
Neste percurso histórico do Espírito seguiu-se o horizonte civilizado, dando-se a fusão do humano com o divino nos chamados Estados Teológicos (civilizações do Egito, da Assíria, da Babilónia, da China, da Índia, o Estado de Israel e o império da Pérsia). O Espírito civilizado é caracterizado pela transição do mediunismo coletivo para o culto individual dos Espíritos, fazendo emergir os complexos da humanidade, a alegoria da evolução e a ideia do renascimento. Estas ideias estão bem representadas na lenda do dilúvio universal, presentes em Noé no Antigo Testamento, em Gilgamesch na civilização assíria e em Deucalião no dilúvio grego, cujas lendas advertem a Humanidade para a necessidade da evolução, por intermédio da espiritualização do Ser Humano.
Ao horizonte civilizado sucedeu-se o profético, também denominado por Herculano Pires por mediunismo bíblico. Nele estão reunidas as três dimensões do profeta: a social, a mediúnica e a espiritual. Aqui foi operada a transição do politeísmo para o monoteísmo, com os testemunhos dados pelos profetas do Antigo Testamento. A individualização mediúnica desenvolveu-se através da coexistência dos horizontes agrícola, civilizado e profético no espaço hebraico, preparando para o advento do poder renovador do Cristianismo. O aparecimento de Jesus marca a passagem para o horizonte espiritual, no qual se observa uma considerável evolução mediúnica, sem que o Ser Humano se aperceba verdadeiramente da natureza de Deus, uma vez que «os Homens ainda não estão preparados para compreenderem esta revolução».
Na Idade Média a filosofia torna-se a serva da teologia, constituindo um tempo de preparação para a racionalização da fé. É o período da Renascença que promove a luta contra o fideísmo e os símbolos, através do processo dialético de Erasmo de Roterdão, da reforma protestante de Martinho Lutero e Calvino, impelindo a própria Igreja a encetar a sua renovação com a convocação do Concílio de Trento. Operou-se então a Contrarreforma com duas referências em sentidos opostos: uma negativa, a instituição do Santo Ofício e, outra positiva, a formalização da Companhia de Jesus.
Chegados aos séculos XVIII-XIX, estavam criadas as condições espirituais para se iniciar uma nova etapa, que José Herculano Pires designou por «Invasão Espiritual Organizada», caracterizada pela sucessão de manifestações mediúnicas. Diz-nos o autor que a nebulosa do Espiritismo nasceu com o espiritualista e médium multifacetado Emmanuel Swedenborg (1688-1772), seguindo-se os casos do pastor escocês Edward Irving (1792-1834), em cuja igreja aparece um acometimento considerável do dom das línguas, do comportamento mediúnico dos emigrantes ingleses conhecidos por «Shakers», na Califórnia, a partir de 1837, da tiptologia (comunicação dos espíritos através de pequenas batidas em materiais rígidos) interpretada pelas irmãs Fox, em Hydesville, em 1848, do clarividente Andrew Jackson Davis (1826-1910), e finalmente do fenómeno das mesas girantes estudado por Hypollite Léon Denizard Rivail (1804-1869). Em face desta sucessão de fenómenos mediúnicos não se poderia conceber o Espiritismo fora do contexto da evolução da científica. O positivista Auguste Comte (séc. XIX) identificava como campos científicos a Matemática, a Astronomia, a Física, a Química, a Biologia e a Sociologia. A ausência da Psicologia na estrutura de Comte era uma omissão substancial, um ramo científico fundamental para a afirmação do psiquismo como fenómeno. Allan Kardec percebeu o estado evolutivo teológico, filosófico e científico do seu tempo, para evidenciar o papel da Ciência em busca da racionalidade dos fenómenos anímicos e mediúnicos.
Esta obra fundamental de José Herculano Pires contribui para levantar ligeiramente o véu dessa trajetória da grande Ordem Universal, equacionando o problema do conhecimento que não conhece campos interditos, no âmbito da dialética da filosofia espírita. Assim sendo e, citando Martin Heidegger (1889-1976), «o espírito há de ser, por sua vez, afim com o tempo e com a sua essência», concluindo-se que a evolução não se antecipa no tempo.

Por Carlos Paiva Neves

COVID-19: um antivírus para a miopia

Diante de calamidades como a pandemia de COVID-19 que alastra por todo o planeta, há sempre muita gente que aproveita para dar voz a antigas teorias de hecatombe planetária de cariz religioso: "Arrependam-se! Os tempos são chegados!", gritam, procurando através do medo e do desespero uma adesão mais rápida às ideias que propagam.

foto pixabay

O entendimento do Espiritismo é muito diferente. Ao longo dos séculos já vivemos e ultrapassamos calamidades de dimensões épicas: guerras mundiais, desastres humanitários, tragédias naturais violentíssimas, miséria e escassez de recursos. Já passamos até por diversas epidemias de consequências trágicas para a humanidade: no século XIV a Peste Negra dizimou cerca de um terço da população mundial; a Gripe Espanhola terá sido responsável pela desencarnação de 50 milhões de pessoas; o vírus da SIDA provocou mais de 30 milhões de vítimas no final do século XX. À parte destas pandemias globais, não esqueçamos as zonas geográficas que convivem com a ameaça pandémica, miséria, guerra e escassez de recursos de uma forma persistente.

Estas calamidades acontecem porque moramos num mundo dinâmico e instável, em que essas "anomalias" fazem parte das contingências de habitá-lo. Alguns cientistas acreditam que os vírus apareceram no momento em que eclodiu a vida, quando as células começaram a replicar-se há cerca de 3,5 mil milhões de anos. Ou seja, muito antes da espécie humana surgir, os vírus já faziam das suas, provocando pequenas e grandes pandemias através dos reinos da Natureza.

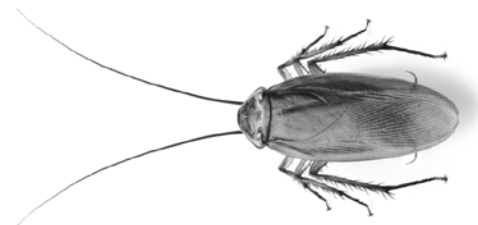
E se, no passado, a propagação dos vírus pelas populações humanas estava restringida pelas limitações técnicas dos meios de transporte, o advento da globalização e a rapidez com que nos movimentamos, colocou desafios maiores à capacidade de contermos essas ameaças. Para além disso, ao longo dos últimos séculos, fomos destruindo e ocupando o mundo natural, facilitando a que os vírus passassem as barreiras das espécies. Entretidos em conservar o nosso modo de vida e preocupados sobretudo com os interesses imediatos, apesar dos avisos que os cientistas foram fazendo, pouco foi realizado para nos prepararmos para esta pandemia. Esta é uma calamidade natural que a falta de previdência humana ajudou a potenciar, não é um apocalipse religioso, mas uma ameaça natural que descuidamos.

Mas como todas as dificuldades e crises, este é também um momento precioso de trabalho e reflexão. É um desafio que nos provoca e instiga a desenvolver o conhecimento e as técnicas para estarmos melhor preparados para futuras ameaças. Mais importante ainda, poderá alavancar o progresso moral de indivíduos e sociedade, despertados pela urgência da solidariedade, superação íntima e colaboração. Tocados pela necessidade de união, é uma oportunidade para os seres-humanos reorientarem a forma como vivem, aproximando a economia da colaboração, oferecendo à riqueza o atributo da partilha e dotando o conhecimento do talento de espargir felicidade.

Mais importante ainda, poderá alavancar o progresso moral de indivíduos e sociedade, despertados pela urgência da solidariedade, superação íntima e colaboração.

Ao longo da nossa existência, mas de modo especial durante os momentos mais difíceis, é travada dentro de cada um de nós a batalha das nossas vidas: mostrar o melhor que podemos ser ou o pior que podemos ser. Esta pandemia tem sido fértil em exemplos destas duas situações: os profissionais de saúde em todo o mundo têm dado testemunhos diários de dedicação, espírito de missão e coragem; cuidadores que se mostraram mais preocupados com os seus velhinhos do que no seu próprio bem-estar; universidades, empresas e particulares em ações solidárias fabricando material de proteção para fazê-lo chegar onde ele escasseava; grupos de cidadãos que se organizaram para distribuir bens alimentares por aqueles que não podiam sair de casa; pequenas padarias e mercearias de bairro que se mantiveram abertas para que pessoas de mobilidade reduzida tivessem acesso facilitado a locais de abastecimento; milhões de pessoas que se isolaram em suas casas para impedir que a cadeia de contágio se tornasse incontrolável. São incontáveis os casos que nos deixam com um nó apertado na garganta, tornando-se difícil suster as lágrimas ao constatarmos como a dimensão humana pode ser potenciada por esta crise. No entanto, também existe o lado mais sombrio do comportamento individual e coletivo: pessoas que sucumbiram à indiferença e ao desleixo de poderem ser um foco de contágio; outras que se atiraram aos escaparates dos supermercados numa atitude de "salve-se quem puder!"; outras ainda que viram esta crise como uma oportunidade de escalarem os seus negócios potenciando o lucro imediato pelo aumento exponencial do preço de bens essenciais; sem-abrigos que são confinados em lugares de parques de estacionamento quando os hotéis fecharam por falta de clientes; governantes mais preocupados com o seu futuro político do que com o bem-estar das pessoas; organizações que têm no seu nome "União", mas onde existe falta de colaboração e solidariedade, alimentando a indiferença em relação a países onde a epidemia teve maiores impactos.

O fosso entre o melhor que podemos ser e o pior de nós, poderá ser ultrapassado com a sensibilidade para ver, ouvir e compreender com maior lucidez. Uma lucidez que nos corrija a miopia que carregamos orgulhosamente e que nos ajude a ver muito para além dos nossos interesses imediatos e das ameaças que caiem no metro quadrado em que nos encontramos. Uma lucidez que nos instigue a ser sensível ao outro, às suas dores e dificuldades, mas também à natureza, à transcendência e à importância da comunidade nas nossas vidas individuais. É essa sensibilidade e lucidez que nos empurra para uma real vivência em espiritualidade, sendo ela uma forma de perscrutar e descobrir a raiz das coisas, de sentir o que é a verdade, de compreender a sua essência, vivendo em amor e em integridade e fazendo desses os princípios orientadores das nossas vidas. Uma lucidez que permita que tudo aquilo que fazemos e tudo aquilo por que passamos tenha um sentido, um propósito. Ao vivermos dessa forma, não adquirimos uma capa mágica que nos vai proteger miraculosamente de passarmos por estes tempos conturbados sem sermos feridos de alguma forma, mas conquistamos a serenidade íntima de nos sentirmos preparados, espiritualmente preparados e seguros de que a nossa alma passará incólume, qualquer que seja a ameaça.

Por Carlos Miguel

Aceitar a diferença no outro

"É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito" - Albert Einstein
Devemos aceitar o outro tal como ele é... aceitar a diferença, seja ela de que ordem for... mas será que aceitamos?

foto pixabay

De acordo com o que nos diz "O Livro dos Espíritos", Deus criou todos, simples e ignorantes (questão 115). A cada nova existência na Terra Deus dá-nos o mesmo ponto de partida, seja através de uma gravidez dita "normal", in vitro ou qualquer outro processo oriundo da evolução da ciência.
Contudo, ainda que a forma de retornarmos à Terra seja a mesma, assim que o fazemos começam a surgir as primeiras diferenças. Primeiro as diferenças físicas, cor, tamanho, peso, maior ou menor "perfeição"... mais tarde começam a tornar-se evidentes as diferenças de carácter, diferentes formas de sentir, pensar, agir e reagir. Percebemos pormenores tão simples como, diante de uma situação de stress, uns riem outros choram, uns deixam de comer, outros parecem prontos a comer os problemas. Isto porque, embora voltemos ao corpo físico da mesma forma, somos o somatório de todas as experiências do passado, trazendo qualidades e imperfeições para trabalhar na presente existência.
Tendo consciência das diferenças inevitáveis e sábias que Deus proporciona a cada um de nós, tornando a sociedade dotada de inigualável beleza e antes de pensar se, aceito o outro, ou até que ponto o faço, uma primeira e pertinente questão se coloca como ponto de partida para esta reflexão, que parece, à primeira vista, banal (e poderá ser) sem trazer nada de novo (avaliaremos no final...): Será que eu me aceito?

Esperamos e desejamos que os outros aceitem as nossas fraquezas, mas estamos sempre prontos a julgar as suas.

O primeiro olhar deve recair sobre nós mesmos, identificando as nossas próprias caraterísticas físicas, o que gostamos e não gostamos em nós. Algumas dessas caraterísticas (peso, rugas...) hoje em dia com força de vontade e/ou poder económico podem ser alteradas ou simplesmente aceites por nós. Mais delicadas são as nossas caraterísticas psicológicas. Temos muita facilidade em enumerar qualidades e muita dificuldade em assumir defeitos, vícios e limitações. Mesmo quando inquiridos, na maior parte das vezes destacamos uma qualidade na forma de defeito: "Sou bom demais". Devemos, por isso, parar de mentir a nós mesmos, compreendendo que só nos aceitaremos quando reconhecermos, não o que somos mas como estamos, uma vez que somos seres em evolução.
Lidamos aqui com uma grande dificuldade do ser humano, o PRECONCEITO que aliado ao egoísmo são os responsáveis pela falta de aceitação. Quando percebemos que conseguimos ser preconceituosos connosco próprios, ao não aceitarmos as nossas caraterísticas, com os nossos filhos, procedendo da mesma forma, então todo o processo de aceitação do outro se torna mais difícil.
Todos os pais desejam que os seus filhos sejam seres perfeitos, física e psicologicamente, bonitos, simpáticos, inteligentes, saudáveis, que cresçam de forma harmoniosa e sejam sempre bem sucedidos em tudo o que façam. Este desejo é normal, mas é necessário perceber que nem nos contos de fadas tudo acontece de forma tão linear. Os nossos filhos, tal como nós, têm as suas qualidades e limitações e um projeto de crescimento e melhoramento a fazer na Terra.
Hoje a medicina já evoluiu ao ponto de ser possível escolher/aceitar as caraterísticas do filho durante a gestação, consentindo ou impedindo o seu nascimento. O que estamos a fazer? A aceitar ou a reprovar as decisões de Deus? A usar do nosso orgulho e vaidade para fazer uma seleção que não nos compete.
Sim! Somos preconceituosos com os nossos filhos, sempre que ocultamos os seus problemas e limitações, não procurando muitas vezes ajuda especializada, pois nem sequer queremos considerar assumir que tal problema é real e desta forma dificultamos as suas vidas, impedindo-os de usufruir de um conjunto de recursos que também pela evolução da ciência já se encontram ao seu dispor.
A dificuldade de aceitar o nosso filho(a) tal como ele é não tem a ver com as caraterísticas da criança, tem a ver com uma caraterística nossa. "É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito" (Albert Einstein).
Como não podia deixar de ser, também somos preconceituosos com a sociedade em geral, fazemos diferença na cor, aspeto físico, cultura, país de origem, condição social e económica, religião, escolha sexual, etc.
Esperamos e desejamos que os outros aceitem as nossas fraquezas, mas estamos sempre prontos a julgar as suas. Usamos de dois pesos e duas medidas, para nós brandura "quem não erra?", para os outros intolerância "não admito que...!".
O nosso lar é uma escola abençoada. É na família que encontramos os maiores instrumentos evolutivos, os filhos com deficiência ou de difícil trato, o marido austero, a mulher hipocondríaca e insatisfeita. Todos servimos aos propósitos de Deus e sempre que aceitamos o outro, aceitamos a nossa própria condição.
Assim, aceitar a diferença no outro é respeitá-lo como ele é, com o que tem de bom e menos bom. Como disse Kardec, podemos não conseguir amar da mesma forma aquele que nos trata bem e aquele que nos trata mal, mas podemos respeitá-lo, ajudá-lo e daí nascerá a simpatia, depois a afetividade e mais tarde o amor.
Desta forma para aceitarmos a diferença no outro é preciso aceitarmos as diferenças em nós! Não conseguiremos amar o outro sem nos amarmos, nem aceitar o outro sem nos aceitarmos.

Texto: Ana Duarte

O milagre do coronavírus: palestinianos e israelitas de mãos dadas

De repente o mundo mudou. Quando a Humanidade temia uma III guerra mundial, qual presente dos céus apareceu um amigo invisível, o coronavírus COVID-19.

foto arquivo

Um simples vírus, com mais poder do que todas as bombas nucleares, russas, chinesas, americanas, com mais poder que o dinheiro que se possa ter no banco, ouro, acções na Bolsa de Valores, dinheiro escondido em paraísos fiscais; um simples vírus que faz tremer de medo todo o planeta, milhares de aviões parados, os países a viverem em modo de sobrevivência; um vírus democrático que atinge pessoas importantes, tal como a classe média, pobres, indigentes, brancos, pretos, mulatos, cultos, incultos, bonitos, feios, homens, mulheres...

Relembrando um ensinamento de Jesus de Nazaré (o grande psicoterapeuta da Humanidade), pelo fruto se vê a qualidade da árvore.

A árvore, neste caso, é o COVID-19, mas quais são os frutos desta árvore?

Elenquemos apenas alguns mais visíveis:

- a vida considerada insuportável, inadiável... parou;
- a vida mecânica, sob a batuta do relógio... parou;
- a falta de tempo para tudo e para todos... desapareceu;
- o esgotamento físico e mental para ter coisas ... parou;
- o que era urgente, deixou de o ser;
- o que era essencial passou a acessório;
- a certeza do nosso ego passou a incerteza, insegurança, fragilidade;
- a atitude prepotente, o esclavagismo, o poder, de acordo com a conta bancária, desvaneceu-se perante a iminência da... morte do corpo físico.

Cientistas de todo o mundo juntam-se, partilham dados, na busca de um medicamento, de uma vacina.

Com mais ou menos interesses, os países entreajudam-se, partilham conhecimentos, materiais, numa busca pela sobrevivência.

O Secretário-Geral da ONU implorou que, em todo o mundo, se fizesse uma trégua nas guerras, para nos dedicarmos unicamente ao combate a este vírus.

O Homem começou a ter uma noção de que a sua vida é efémera, que um dia vai morrer, que pode ser já amanhã, reflectindo: o que ando aqui a fazer? Porque vivo? De onde venho? Para onde vou? Qual o sentido da vida?

"Na Cisjordânia, em gaza e em Israel, médicos israelitas e palestinianos criaram um centro de cooperação na luta contra o COVID-19. Pela primeira vez em muitos anos, os presidentes de Israel e da Palestina mantêm um contacto telefónico contínuo, para enfrentar a ameaça de forma conjunta". (In telejornal da SIC - uma das televisões portuguesas – na noite de 24 de Março de 2020, https://bit.ly/39kj1ES).

Estamos numa imensa arca de Noé, atravessando o dilúvio da incerteza, provocado pelo homem egoísta, ganancioso, violento, orgulhoso.

> **"Pela primeira vez em muitos anos, os presidentes de Israel e da Palestina mantêm um contacto telefónico contínuo, para enfrentar a ameaça de forma conjunta"**

A hora é de meditação, de análise, de mudança de hábitos, de sentimentos, de pensamentos, de atitudes.

Na magnífica obra de filosofia espírita, intitulada "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, encontramos as respostas para as perquirições mais íntimas, acima referidas.

Os Espíritos superiores, em 1857, já apontavam como medida da felicidade na Terra, ao nível material ter o essencial para viver com dignidade e, ao nível moral ter a consciência tranquila.

A Doutrina Espírita (ciência, filosofia e moral) traz todo um rol de conhecimentos que são preciosos auxiliares para o progresso da Humanidade, demonstrando a ilusão do Materialismo e identificando a mãe de todos os males: o egoísmo.

São as dores de parto de uma sociedade nova, mais espiritualizada: ao longo das reencarnações (vidas sucessivas) o egoísmo dará lugar à fraternidade, a disputa dará lugar à colaboração, a ganância dará lugar à generosidade.

Somos seres espirituais, imortais, temporariamente num corpo de carne, ao longo das vidas sucessivas, em busca de um devir mais esplendoroso, equilibrando as duas asas que nos farão voar mais alto: o intelecto e a moral, fazendo ao próximo o que gostaríamos que nos fizessem...

Por José Lucas - jcmlucas@gmail.com

Bibliografia:

- Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal – www.adep.pt
- Allan Kardec – "O Livro dos Espíritos".

Sofrimento e aprendizado

Deus imprimiu à sua criação, através das leis naturais, harmonia e estabilidade. Qualquer força que as alterar estará – necessariamente – ligada a outra que as restabeleça.

foto arquivo

No capítulo VI – "O Cristo Consolador" – de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", ensina-nos o Espírito da Verdade que nós – princípios inteligentes individualizados – fomos criados simples e ignorantes para nos aperfeiçoarmos, estando este labor a cargo de cada um, a fim de que sejamos artífices de nossa imortalidade.

Durante este processo de aprendizado moral e intelectual, cometemos erros, perturbamos, e assim precisamos providenciar reparações. Este processo de restabelecimento da ordem divina chama-se expiação e é, ao lado do aprendizado, o fulcro da nossa existência na Terra. É-nos dada a oportunidade da reencarnação para que passemos por provas que enriquecerão o nosso conhecimento moral e intelectual e para que expiemos, consertando, os erros cometidos.

"O Evangelho Segundo o Espiritismo", no mesmo capítulo VI, indaga: "Como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre?"

É exatamente sobre estes pontos – aprendizado e sofrimento – que sugiro reflitamos em conjunto.

O verbo sofrer deriva do latim "sufferre", termo que designava aqueles que estavam "sob ferros", acorrentados, submetidos à força. O sofrimento por si só, pela sua simples ocorrência, de nada nos adianta. Tanto é assim que "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no mesmo capítulo VI, indaga: "Como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre?". Comprovação disso temos a todo instante no decurso da nossa vida. Quantas vezes passamos por dores que se desvanecem tão logo nos chega o esclarecimento sobre as suas origens? A desencarnação de parentes ou amigos não nos parecia muito mais dolorosa antes da ventura de sabermos que eles, em verdade, não desapareceram, apenas fizeram a sua passagem para voltar ao lar espiritual?

Ocorre, porém, que a humanidade se apoderou da palavra do Cristo e muitos de nós a utilizaram para propósitos próprios, nem sempre nobres e muitas vezes pouco libertadores. Com isso vingou a ideia de que sofrimento e expiação estariam intimamente ligados, quase inseparáveis. Expiar, para alguns, não significa restabelecer, significa pagar. E pior: uma paga aliada ao sofrimento. Para frisar, repetimos: o sofrimento por si só, de nada nos adianta.

Sofrer é estar sob ferros, presos à ignorância que é nossa verdadeira limitação e origem de nossas dores. O sofrimento embaça nosso discernimento do bem e do mal, atrasa a expansão da inteligência e – como consequência – retarda o desenvolvimento do livre-arbítrio. O aprendizado liberta-nos, conduz-nos através dos nossos propósitos evolutivos com a alma leve e ditosa, e nos alforria pela riqueza das nossas experiências.

Texto: Moysés Lopes

O milagre da cela 7

"O milagre na cela 7" é um daqueles filmes em que para assisti-lo deveria ser conveniente estar munido de lenços de papel. Sim, o plural é necessário: lenços de papel. Se calhar, por segurança, será preferível trazer o pacote todo para o sofá. É um filme de produção turca baseado numa obra original coreana de 2013, "A Guerra das Flechas", fazendo uma abordagem um pouco mais dramática ao enredo.

Todo o filme é baseado na comoção, procurando usar as vulnerabilidades das personagens e da trama para emocionar o espectador. Memo é um pai que sofre de distúrbios mentais e que vive de forma singela e dedicada para a sua encantadora filha Ova. Estando no sítio errado à hora errada, ele é colocado no meio de um terrível acidente e é acusado de ser o responsável pela morte da filha de um importante oficial do exército. Memo é encarcerado como um tenebroso assassino. A prisão é decretada sem o recurso a um julgamento justo e a sua ingenuidade não lhe permite compreender o que lhe está a acontecer nem a violência com que é tratado. A sua única preocupação é a filha por quem chama persistentemente. Apesar das dificuldades, Ova nunca desiste do pai e encontra formas de chegar até ele, mostrando-se disposta a tudo para provar a sua inocência.

Ao longo do filme, somos compelidos a refletir sobre a injustiça, a revoltar-nos com os sistemas de justiça autocráticos e violentos que têm como principal motivação a punição e a saciedade do desejo de vingança. Memo é um indivíduo particularmente frágil que a justiça deveria proteger e cuidar. Comove-nos assistir à representação da violência sobre a inocência, mas assusta ainda mais pensar quantos Memos haverá neste mundo em que tantos homens tomam o poder nas suas mãos e em que a diferença ainda assusta tanto? No entanto, Ova oferece-nos uma abordagem bastante diferente. Obriga-nos a refletir na resiliência. Persistindo diante da injustiça, não se deixa vergar ao desânimo nem transforma a sua dor em ódio corrosivo. Tendo como motivação o amor que os une, ela vai fazer o que for preciso e o que está ao seu alcance para provar a inocência do pai e voltar a tê-lo ao seu lado diariamente.

Título Original: "7 Kogustaki Mucize"
Realizado por Mehmet Ada Öztekin
Elenco: Aras Bulut İynemli, Nisa Sofiya Aksongur, Cankat Aydos
Turquia, 2019 – 132 min.

Por Carlos Miguel

Reflexões sobre a evolução das espécies à luz do espiritismo

Este ano, publicado pela FEP, saiu do prelo um livro com um tema pouco abordado: a evolução das espécies à luz do espiritismo. Da autoria de J. Gomes, a obra desdobra-se em duas partes.

Numa o autor explica a tessitura da evolução com apontamentos que focam as várias fases da história do nosso planeta, sobretudo no que toca à evolução e ao surgimento de novas espécies. Não deixa, contudo, de referir várias das extinções massivas ocorridas ao longo de centenas de milhões de anos e o ressurgimento fulgurante da vida depois delas. Cria espaço, desta maneira, para que os leitores se contextualizem e observem um cenário muito mais longo do que a média de vida humana na Terra, projetando a mente num longo percurso de milhões de anos.

Na sua segunda parte o livro inclui algumas personalidades precursoras na história que afloraram a teoria da evolução das espécies, consolidada anos depois por Alfred Russel Wallace – também investigador da mediunidade e autor de livros a seu respeito – e por Charles Darwin, bem como a inter-relação entre estes dois vultos britânicos. Por fim, relaciona conteúdos da obra de Allan Kardec que refletem o tema, e que também nos ajuda a compreender quem somos, que fazemos aqui e para onde vamos. A obra inclui conteúdos úteis sobre Irvênia Prada, contempla Gabriel Delanne e complementa com algumas referências aos conteúdos de "Evolução em dois mundos", livro psicografado por dois médiuns, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, da autoria de André Luiz (Espírito).

A leitura é leve e agradável, mas sobretudo instrutiva, tornando-se uma obra interessante quer para quem nunca abordou muito este assunto quer para quem se interessa por ele, face aos factos ali expostos.

O livro pode ser adquirido nas associações espíritas e também na livraria on line da FEP - http://feportuguesa.pt

IMPRESSÃO DIGITAL
Entrevista a frequentadores

foto direitos reservados

Maria Arlete Carvalho é natural de Moçambique, tem 66 anos, é reformada bancária e vive em Almada.

– Como conheceu o Espiritismo?
Maria Arlete – Desde muito pequena, sempre me interessei pelo desconhecido. Um dia, uma tia, que vivia no Brasil e frequentava o Racionalismo Cristão, abordou o assunto. Mais tarde foram-me dadas provas que procurei compreender.

– Frequenta algum centro espírita?
Maria Arlete – Sim. Frequento a Associação Espírita de Lisboa.

– Qual a sua opinião acerca do «Jornal Espiritismo»?
Maria Arlete – Tenho conhecimento do jornal, não sendo, no entanto, leitora assídua.

– Do que conhece do Espiritismo, mudou alguma coisa na sua vida?
Maria Arlete – Depois de ter o conhecimento da doutrina espírita, tento fazer a minha reforma íntima através do autoconhecimento e da fé.
Estou grata por todo o estudo efetuado e conhecimento adquirido no centro espírita e não só, mas também ao meu guia espiritual e aos bons Espíritos que me dão força e entendimento. Sem tudo isso, não seria o que sou hoje.

Sabia que?
AMÉLIA REIS

01 Sendo a felicidade terrena relativa à posição de cada um, existe, entretanto, uma medida comum para todos os homens: para a vida material, a posse do necessário; para a vida moral, a consciência pura e a fé no futuro?

02 Em algumas mortes violentas (por acidente, por exemplo) o Espírito é surpreendido, fica perturbado, não aceitando que esteja morto pois, apesar de ver o seu corpo, não compreende que esteja separado, durando essa ilusão até ao completo desprendimento da matéria, sendo aqui, de grande importância as preces de ânimo pelo que partiu?

03 Na obra "A Psicografia à Luz da Grafoscopia", publicada anteriormente na revista científica "Semina", da Universidade Estadual de Londrina (Brasil), o autor, Carlos Augusto Pérandrea, com base em mensagens psicografadas por Francisco Cândido Xavier, comprova a realidade das comunicações mediúnicas, comparando a letra padrão do indivíduo antes da morte com a sua assinatura aposta na mensagem psicografada, chegando, desse modo, por meio de análises técnicas, à verificação da autenticidade?

04 O primeiro pesquisador a estudar casos de experiências de quase-morte (EQM) em crianças foi Melvin Morse, médico pediatra dos Estados Unidos, há cerca de 32 anos?

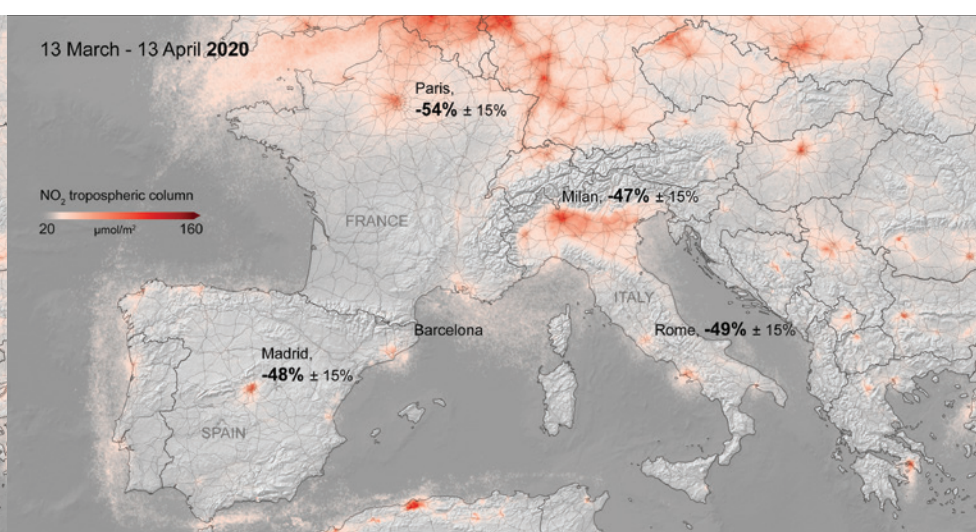
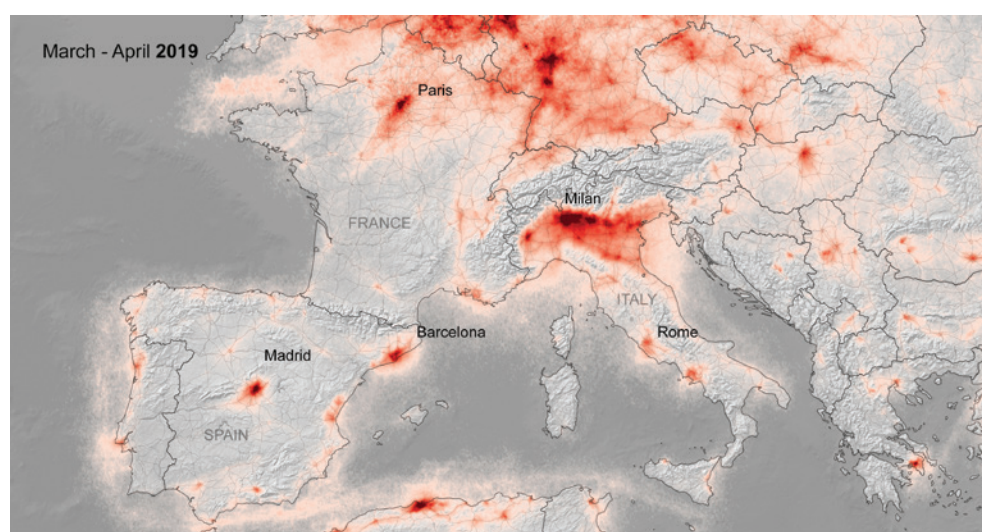
05 O Espírito, criado simples e ignorante, não necessitará mais de reencarnar quando, progredindo através de inúmeras existências, atingir o estado de Espírito puro?

06 Foi lançada em Portugal, nas XV Jornadas de Cultura Espírita do Oeste, em Caldas da Rainha, pela Federação Espírita Portuguesa, a 4.ª edição da obra "A Génese", publicada em meados do século XIX por Allan Kardec?

Riqueza ou esperteza
INFANTIL
Por Manuela Simões

Era uma vez um aldeão que vivia numa aldeia simples e pobre. Falava-se, por aquelas bandas, que existia um local, bem distante dali, totalmente diferente daquele onde viviam. Chegava-se a contar que as casas tinham telhados de ouro, as pessoas eram diferentes, com charretes luminosas e, a julgar pelos relatos, até os animais deviam ser de cobre ou bronze, quem sabe?
Ora, o aldeão, tão simples e pobre, com uma casinha com telhado de colmo, sonhava ir conhecer esse lugar tão exuberante.
E assim foi. Juntou todo o seu dinheiro e pôs-se a caminho.
Durante essa longa viagem, o pobre homem, gastou todo o seu dinheirinho. O pior é que quando lá chegou, viu com aqueles olhos arregalados que afinal, era uma cidade como as outras. Sim, via-se que as pessoas eram ricas, bem vestidas, sempre muito direitinhas, mas no fim de contas, era tudo igual à sua aldeia. Eram casas maiores, mas não tinham telhados de ouro. Existiam charretes bonitas, sim, mas viu muitas carroças com bestas e não eram nem de cobre, nem de bronze.
Ficou muito dececionado e agora restava-lhe apenas uma moeda para comer.
Como uma desgraça nunca vem só, começou a ter uma fortíssima dor de dentes.
Percebeu que teria uma decisão difícil para tomar. Ou gastava o dinheiro para mandar arrancar o dente, ou para comprar comida.
Ao passar numa praça, viu uma banca com pães fresquinhos e com um aspeto delicioso. Estava embasbacado a olhar para os pães, quando passaram dois burgueses, bem vestidos e de costas bem direitas:
- Quantos pães era capaz de comer de uma só vez? – perguntaram em tom de gozo.
- Aiii…. Pela fome que tenho, era capaz de comer uns cem pães. E até faço uma aposta com vossas excelências. – respondeu o camponês que de parvo não tinha nada.
- Cem pães duma só vez? Isso não é possível! E qual é a aposta?
- Se não conseguir comer os cem pães duma vez, me arranqueis este dente aqui.
– Apontou para o dente que lhe doía tanto.
Começou a aposta. O camponês comeu vários pães até matar a fome.
- Desisto! Não consigo mais. – Tinha comido uns sete pães e estava bem saciado.
Os senhores burgueses desataram a rir, mandaram chamar um senhor que percebia do ofício de arrancar dentes e pimba, foi o dente desta para melhor.
Enquanto toda a gente, que estava na praça a assistir, se ria, o camponês, bastante aliviado, sem a dor do dente e de barriga cheia explicou:
- Ora eu, que tinha apenas uma moeda e não sabia o que fazer à vida, se comprar um pão ou pagar para arrancar um dente que me doía tanto, consegui fazer as duas coisas e ainda fiquei com a moeda.
Todos ficaram muito envergonhados com a figura que fizeram, incluindo os senhores burgueses que pagaram os pães e o serviço do dente e não puderam dizer absolutamente nada.

Um alívio momentâneo

foto arquivo

No início de abril mais de metade da população mundial estava em quarentena, diminuindo de forma significativa o caos do trânsito nas grandes cidades, o volume do tráfego aéreo e o funcionamento de parte da indústria nas zonas mais poluidoras do mundo: China, Europa e EUA.
Enquanto os países se fechavam em casa e o bulício citadino quase desaparecia, os satélites de observação detetavam uma diminuição significativa da acumulação de ar poluente que é expelido para atmosfera através dos transportes e das centrais a carvão. Como por magia, o ar voltava a ser saudável. Não é um pormenor: a poluição atmosférica deteriora a saúde pública, sendo responsável, segundo a Organização Mundial da Saúde, por mais de 4 milhões de mortes anualmente.
Quem estiver atento e viver numa cidade, não precisaria que um satélite o informe dessa circunstância. Bastaria sair à rua e inspirar com força. O ar estava mais leve e cheirava diferente. Esta melhoria na qualidade do ar nos países em que a poluição atmosférica é mais agressiva é um alívio para as populações desgastadas pelos efeitos devastadores que ela provoca. Marshall Burke, professor na Universidade de Stanford, acredita que a redução da poluição derivada das medidas para minimizar a pandemia de COVID-19 poderá salvar a vida de 4.000 crianças e 73.000 adultos apenas na China no período de dois meses.
No entanto, à medida que as restrições à mobilidade vão sendo levantadas, voltaremos rapidamente ao mesmo ponto em que nos encontrávamos antes da quarentena, inundando o ar com partículas altamente prejudiciais para a nossa saúde e provocando mortes por poluição.

Marshall Burke, professor na Universidade de Stanford, acredita que a redução da poluição derivada das medidas para minimizar a pandemia de COVID-19 poderá salvar a vida de 4.000 crianças e 73.000 adultos apenas na China no período de dois meses.

Esta crise mostrou que afinal é possível abrandar o ritmo em nome de causas maiores. A ciência que não se cansou de alertar para a as ameaças que as pandemias poderiam representar, tendo sido ignorada olimpicamente, é a mesma que procura avisar-nos para as consequências devastadores que as mudanças climáticas já estão a causar. Até quando vamos fingir que esta realidade que nos está a bater à porta?

Por Carlos Miguel

ÚLTIMA

Congresso Espírita Internacional

«Face à situação de pandemia que o mundo atravessa e a incerteza relativamente ao momento em que será possível retomar o regular funcionamento de todas as atividades humanas, a Federação Espírita Portuguesa decidiu adiar o Congresso Espírita Internacional, que teria lugar no auditório da Faculdade de Medicina Dentária – Lisboa, Portugal, nos dias 3 e 4 de outubro de 2020», lia-se no início de abril. A nota informativa da FEP esclarece que «o evento foi remarcado para nova data, passando a decorrer nos dias 2 e 3 de outubro de 2021», no auditório da Faculdade de Medicina Dentária, em Lisboa: «A Federação Espírita Portuguesa apresenta, desde já, o seu pedido de desculpa a todos os participantes, pelos eventuais constrangimentos que esta alteração possa vir a causar, mantendo-se à disposição para qualquer informação e esclarecimento adicionais. O tempo é de mudanças, mas o futuro reserva-nos o momento do reencontro e das aprendizagens partilhadas. Agradecemos a sua compreensão e aguardamos por si em Lisboa, em outubro 2021!».
Contactos da Federação Espírita Portuguesa: tel.:+351 214 975 754 \ +351 214 975 777 - congressoespirita2020@gmail.com

Caldas da Rainha: Jornadas de Cultura Espírita

As próximas Jornadas de Cultura Espírita, certame que costuma ter lugar anualmente no Centro de Congressos da cidade de Caldas da Rainha, decorrem apenas em 2021, nos dias 1 e 2 de maio, informa o Centro de Cultura Espírita, associação sem fins lucrativos dessa urbe que as organiza. Será a 16.ª edição deste evento, que foi tomando índole nacional e internacional, pois por vezes cinta com participantes do Brasil e de Espanha.

Questionário para espíritas

O site da Associação de Divulgadores de Espiritismo (ADEP) – www.adep.pt – já contém os gráficos relativos ao inquérito para espíritas que foi divulgado o ano passado e acolheu respostas até 30 de novembro de 2019.
Os resultados têm em vista colaborar com o movimento espírita e justapõem-se na Lusofonia a anteriores edições deste inquérito concebido por Ivan Franzolin, de São Paulo, Brasil. Assim, para comparação de dados globais entre ambos os países, as perguntas foram praticamente as mesmas, formuladas da mesma maneira. Neste ângulo, solicitou-se o levantamento de dados sobre o modo de pensar e de se comportar dos adeptos da doutrina espírita. Depois de feito, com estes indicadores, as associações podem identificar as necessidades dos frequentadores e trabalhadores dos centros espíritas, além de ajustar as suas estratégias e ações de comunicação.
O conteúdo da pesquisa foi tratado de forma global, sem a identificação pessoal dos participantes.

CARTOON